

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Estratégias de *Coping* e Bem Estar Subjetivo: Estudo com
Trabalhadores Desempregados**

Lidiane Ferreira da Silva

Goiânia, 2012.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Estratégias de *Coping* e Bem Estar Subjetivo: Estudo com
Trabalhadores Desempregados**

Lidiane Ferreira da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação
Stricto Senso em Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás – PUC-Goiás como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Daniela Sacramento Zanini.

Goiânia, 2012.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Curso de Mestrado em Psicologia

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autora: Lidiane Ferreira da Silva

Título: Estratégias de *Coping* e Bem Estar Subjetivo: Estudo com Trabalhadores Desempregados.

Banca Examinadora

Avaliação

Prof. Dra. Daniela Sacramento Zanini – Orientadora
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás
Presidente da Banca

Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás
Membro Interno

Prof. Dr. Nilton César Barbosa
Universidade Federal de Goiás - UFG
Membro Externo

Goiânia, 2012.

**Dedico este trabalho aos meus
familiares, amigos, orientadora e
participantes da pesquisa.**

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, por me guiar e iluminar em mais esta jornada.

À minha mãe que sempre me incentivou, orientou e me apoiou para sempre ir em busca de conhecimento, educação e crescimento profissional.

À minha querida orientadora, pela extrema competência profissional, conhecimento dos temas, meu sincero agradecimento por me propiciar desenvolvimento acadêmico, pessoal e profissional. Principalmente por não me deixar desistir dessa trajetória.

À Jorge pelo amor, compreensão, pois com carinho e paciência também contribuiu para esta conquista.

Ao meu amigo Víctor que com seu apoio, alegria e amizade, me ajudou a tornar o caminho menos árduo.

Aos professores Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini e Dr. Luc Marcel Adhemar Vandenberghe pelas sugestões e contribuições no Exame de Qualificação.

Aos colegas de trabalho da UFG que com apoio, torcida e carinho compartilharam de momentos de ansiedade e alegria, em especial ao Prof. Dr. Nilton Barbosa.

A todos vocês, minha gratidão e admiração por terem me compreendido nesse momento de enfrentamento de “estresse”. Obrigada!

Sumário

Folha de Avaliação.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Sumário.....	vi
Lista de Figuras – Parte I.....	vii
Lista de Figuras – Parte II.....	viii
Lista de Gráficos – Parte I.....	ix
Lista de Tabelas – Parte I.....	x
Lista de Tabelas – Parte II.....	xi
Resumo.....	12
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Parte I – Revisão Teórica.....	16
Capítulo I – Desemprego, <i>Coping</i> e Bem Estar Subjetivo.....	17
1 Desemprego.....	18
2 <i>Coping</i>	31
3 Bem Estar Subjetivo (BES).....	43
3.1 Bem Estar Subjetivo e felicidade.....	44
Referências.....	51
Parte II – Artigo Científico.....	61
Capítulo II – <i>Coping</i> e bem estar subjetivo em trabalhadores desempregados da cidade de Goiânia.....	62
Modelo Empírico.....	63
Resumo.....	65
Abstract.....	66
Introdução.....	67
Método.....	75
Resultados.....	77
Discussão	81
Referências.....	85
Anexos.....	88

Lista de Figuras – Parte I

Figura 1	Modelo conceitual dos processos de <i>coping</i> , contexto e adaptação.....	38
-----------------	--	----

Lista de Figuras - Parte II

Figura 1 Modelo empírico hipotético adotado no estudo.....	63
Figura 1 Modelo processamento de estresse e <i>coping</i>	70

Lista de Gráficos – Parte I

- Gráfico 1** Evolução de fevereiro de 2010 a março de 2011 da população empregada nas regiões metropolitanas do Brasil 26
- Gráfico 2** Evolução da taxa de desempregada de fevereiro de 2010 a março de 2011 nas seis regiões metropolitanas do Brasil..... 27

Lista de Tabelas - Parte I

Tabela 1	Varição da população empregada (em%) de 2003 a 2009.....	25
Tabela 2	Dimensão de Aproximação.....	36
Tabela 3	Dimensão de Evitação.....	37

Lista de Tabelas - Parte II

Tabela 1 Correlação entre respostas de <i>coping</i> e afetos positivos e negativos.....	79
Tabela 2 Teste <i>t</i> para amostras independentes (Sexo, BES e <i>coping</i>).....	80

Estratégias de *coping* e bem estar subjetivo: Estudo com trabalhadores desempregados

Resumo

Desemprego corresponde à situação de ociosidade involuntária em que se encontram pessoas que compõem a força de trabalho de uma nação. O desemprego evoluiu no Brasil de acordo com o contexto histórico, social e econômico pelo qual o país passou e passa ainda hoje. Em Goiás, alguns programas de incentivos fiscais para indústrias e empresas contribuíram para que o desemprego diminuísse, proporcionando ao desempregado maior possibilidade de encontrar um emprego e enfrentar o desemprego. As estratégias de enfrentamento, ou seja, *coping* são utilizadas diante de um evento estressor, por exemplo, a situação de desemprego e refere-se ao modo como as pessoas enfrentam exigências da vida com o objetivo de resolvê-las. O *coping* é caracterizado de duas formas distintas, de acordo com Moos (1993), como sendo estratégias de aproximação e de evitação. O bem estar subjetivo tem tido as mais diversas nomeações, tais como felicidade, satisfação, estado de espírito, afeto positivo, sendo também considerado por alguns autores uma avaliação subjetiva da qualidade de vida. Os estudos sobre bem estar subjetivo buscam compreender a avaliação que as pessoas fazem de suas vidas. O presente estudo considerou estas três temáticas como foco principal da pesquisa. A partir daí foi realizada uma pesquisa com trabalhadores em situação de desemprego na cidade de Goiânia e sua região metropolitana, com o intuito de analisar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos desempregados, bem como, correlacionar estas estratégias de *coping* com os relatos de afetos positivos e negativos desses indivíduos. O estudo contou com 254 participantes. Os dados foram coletados nas agências de emprego do SINE, empresas de recursos humanos e na Escola para Jovens Adultos. Os resultados apontaram para maior uso de estratégias de enfrentamento de aproximação e, ao fazerem uso destas estratégias, os indivíduos relataram mais afetos positivos do que negativo e o inverso foi detectado com os indivíduos que fizeram uso de estratégias evitativas, os quais relataram mais afetos negativos. O objetivo do estudo foi atingido, porém se faz necessário que estudos sejam realizados sobre a temática, de forma que contribuam para a diminuição do sofrimento psíquico que o desemprego acarreta.

Palavras - chave: desemprego; *coping*; bem estar subjetivo.

Abstract

Unemployment is the situation of involuntary idleness of the people who make up the workforce of a nation. Unemployment in Brazil has evolved according to the historical, social and economic development that the country passed and passes today. In Goiás, some tax incentive programs for industries and businesses has contributed to unemployment decreased, giving the unemployed a greater chance of finding a job and facing unemployment. Coping strategies, or coping are used before a stressful event, for example, the situation of being unemployed and refers to how people face life's demands in order to solve them. The coping is characterized in two ways according to Moos (1993), as approximation and avoidance strategies. The subjective well-being has been named such as happiness, satisfaction, morale, positive affection, and is also considered by some authors as a subjective assessment of life quality. Studies on subjective well-being seek to understand what people do of their lives. The present study considered these three themes as the main focus of the research. It was then carried out a survey of unemployed workers in the city of Goiânia and its metropolitan area; in order to examine coping strategies used by the unemployed, as well as correlate these coping strategies with the reports of positive affect and negative of these individuals. The study included 254 participants. Data were collected in the SINE employment agencies, staffing firms and the School for Young Adults. The results point to greater use of approach coping strategies and, when using these strategies individuals reported more positive emotions than negative and the reverse was found with the individuals who use avoidant strategies, which reported more negative affection. The study objective was achieved, but is necessary to realize more studies on this subject in order to contribute to the reduction of psychological distress that unemployment entails.

Key - words: unemployment, coping, subjective well-being

Introdução

A escolha do tema não se deu por motivo único. Possui interferência de alguns fatores, dentre eles, a experiência voltada para o aprimoramento do conhecimento em Saúde do Trabalhador, o que acentuou a curiosidade e o desejo de continuar desenvolvendo estudos nesta direção. Tais experiências possibilitaram o conhecimento e o convívio com profissionais da mesma área. Para tanto, surgiu a oportunidade deste estudo fazer parte de um projeto “Guarda-Chuva”, o qual propõe analisar o desemprego e sua relação com auto-eficácia e saúde mental, e assim, possibilitou que o estudo pudesse ser realizado e, concomitantemente, fazer parte de um conjunto de pesquisas sobre o tema do desemprego.

Este estudo está organizado em duas partes, a primeira parte faz-se um levantamento sobre desemprego, *coping* e bem estar subjetivo. No Capítulo I é realizado, em um primeiro momento, um levantamento teórico sobre desemprego, em seguida são apresentados aspectos teóricos sobre *coping* . Posteriormente foi definido o bem estar subjetivo que, conforme Albuquerque e Tróccoli (2004) assinalam, é proposto como o estudo científico da felicidade.

Na Parte II do presente estudo, será apresentado o estudo empírico, no qual constam objetivos, justificativa, hipóteses e modelo teórico adotado na pesquisa. No Capítulo II consta o artigo empírico, no qual serão apresentados os métodos, os resultados e a discussão. O estudo empírico versa sobre o enfrentamento do desemprego e sua relação com o bem estar subjetivo dos trabalhadores em situação de desemprego na cidade de Goiânia e região metropolitana (Aparecida de Goiânia e Senador Canedo). Ou seja, buscou-se compreender quais as estratégias de enfrentamento (*coping*) que os

desempregados mais utilizam, bem como, levantar quais estratégias estão correlacionadas com que tipo de dimensão de bem estar subjetivo (BES).

O estudo demonstrou que a forma de enfrentamento contribui para que o indivíduo possua relatos de afetos positivos ou negativos frente ao desemprego. Os resultados apresentados demonstraram que aproximando do problema, o desempregado expôs relatos de afetos positivos, demonstrando assim, que sente-se ainda ativo para ir em busca de uma recolocação no mercado e que o fato de estar desempregado não implica que as pessoas irão experienciar a infelicidade constante, visto que as estatísticas apresentadas no presente estudo mostram índices favoráveis para encontrar emprego.

PARTE I – REVISÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I

Levantamento teórico sobre Desemprego, *Coping* e Bem Estar Subjetivo

No presente capítulo foi realizado um levantamento teórico sobre desemprego, *coping* e bem estar subjetivo (BES). Neste capítulo também são apresentados estudos realizados acerca dos respectivos temas.

1. Desemprego

Borges e Yamamoto (2004) citam o termo latino *tripalium* como origem da palavra trabalho. Segundo eles, esta palavra latina estava associada à tortura, o que hoje em dia não retrata totalmente esta realidade, pois o trabalho se configura como um modo de sobrevivência, que pode ser associado também ao prazer, ou seja, fazer algo que goste como modo de produção e sentimento de utilidade, bem como, de contribuição à sociedade, conforme cita Clot (2006).

O significado pessoal e o sentimento de utilidade social estão arraigados às tarefas desempenhadas pelos trabalhadores, tanto é que Borges e Yamamoto (2004) citam que mesmo aposentado, o indivíduo reinventa um trabalho para si mesmo, pois não consegue viver sem ele. De acordo com Jacques (1996), a inserção no mundo do trabalho é considerada uma etapa natural do desenvolvimento humano. Segundo o autor, aquele que trabalha é valorizado socialmente.

Enriquez (1999) ressalta que na sociedade antiga o significado atribuído ao trabalho era desvalorizado, pois no período medieval, por exemplo, os nobres não podiam trabalhar. Conforme o autor cita, foi a partir da revolução industrial que a concepção de trabalho mudou e passou a ser valorizado como um símbolo de liberdade humana. O pensamento passou a ser sobre as possibilidades de transformação da realidade do homem por meio do trabalho, que passou a ser considerado como propriedade fundamental humana, gerando uma mobilização dos seres humanos para o mesmo (Enriquez, 1999).

Borges e Yamamoto (2004) citam que a palavra trabalho é utilizada com frequência na literatura, a partir daí levantam o seguinte questionamento: “de que trabalho estamos falando?” (p. 25). Segundo os autores pode ser adotada a definição

econômica do trabalho que consiste em dizer que “o trabalho é o que se faz para ganhar a vida ou se é pago para fazer” (p. 26), através de um contrato, regulamentando-o como emprego. Os pesquisadores ressaltam que o trabalho possibilita a qualidade das relações interpessoais e de bem-estar subjetivo.

Jacques (1996) vem ressaltar a importância que é conferida ao trabalho na sociedade e ao destaque que os indivíduos reservam à sua ocupação. O autor afirma que o papel de trabalhador ganhou relevância ao longo da história, sobrepujando os demais papéis representados pelo homem, principalmente após a instauração do capitalismo.

Borges e Yamamoto (2004) ressaltam os estudos de Marx, o qual cita a divisão de classes sociais como marco do capitalismo, devido ao acúmulo de capital com algumas pessoas e a força de trabalho fornecida por outras como única fonte de sobrevivência que possuem. Conforme esses pesquisadores citam, foi através deste marco histórico que o trabalho surge na forma de emprego assalariado, pois ele se dava como valor de troca e o indivíduo desprovido economicamente vendia seu trabalho para se manter na sociedade capitalista.

Segundo Wood Junior (2007), o homem conquista sua independência por meio do salário recebido pelo seu trabalho. Além disso, o indivíduo que trabalha consolida a sua identidade, se desenvolve, contribui com o mundo, confere sentido à própria existência. Com a intensa valorização do trabalho, os indivíduos que não se engajaram nele passaram a ser considerados como inúteis, sendo, através desta percepção, impressa uma visão positiva do trabalho e uma visão negativa de quem não trabalha, gerando um crescente interesse pelo mesmo (Enriquez, 1999).

Wood Junior (2007) menciona o trabalho como uma possibilidade do homem se manter ocupado e ativo, estabelecer relacionamentos interpessoais, criação de vínculos com as pessoas e com a organização, além de ter um objetivo na vida. Segundo Dejours

(1992), é também um método de emancipação. O trabalho representa um valor importante para a sociedade, influenciando os trabalhadores no que se refere à satisfação, motivação e bem-estar, proporciona também os sentimentos de utilidade e de realização na execução de suas funções (Wood Junior, 2007).

De acordo com Gondim *et al.* (2010), o trabalho “ocupa um papel central na sobrevivência e no bem estar do trabalhador” (p.1). Segundo os autores, através do trabalho satisfazemos nossas necessidades básicas, vitais na sociedade capitalista que vivemos e, conforme postula Monteiro *et al.* (2008), é através dele que demonstramos nossa capacidade de criar e produzir. Borges e Yamamoto (2004) ressaltam que:

“... o trabalho deriva de necessidades naturais (fome, sede, etc.), mas realiza-se na interação entre os homens ou entre os homens e a natureza” (p. 27).

Passamos a maior parte do tempo de nossas vidas trabalhando, assim, o trabalho, segundo Pinheiro e Monteiro (2007), contribui na formação do indivíduo como um ser social, sendo, assim, produtivo para a sociedade. Os pesquisadores reforçam que o trabalho é imprescindível para se manter uma vida saudável e digna e o fato de estar desempregado pode gerar um sentimento de desvalorização social e conseqüentemente desencadear problemas que envolvem aspectos de saúde mental. Na pesquisa de Ackermann *et. al* (2005) foi constatado exatamente o que foi dito acima, acrescentando ainda que esses fatores são desencadeados também pela crítica à situação, duração do desemprego e vivências afetivas mal elaboradas.

Lima e Borges (2002) fazem uma reflexão sobre a importância do trabalho na vida do homem e citam sobre as reações da pessoa quando se encontra desempregada:

“... não vemos como pensar o homem ...
e muito menos como pensar as
consequências do desemprego

desconsiderando o fato de que o trabalho foi e permanece central para o ser humano. Assim, as reações do desempregado a sua condição não são fruto apenas das perdas materiais que sofreu, mas, sim da impossibilidade de expressar-se, desenvolver-se e deixar sua marca no mundo” (p.338).

Pode-se dizer que a situação de desemprego gera angústias das mais diversas, que vão da preocupação referente ao contexto financeiro às questões de ordem de saúde mental. Segundo Gondim *et al.* (2010), os efeitos da perda do emprego para uma pessoa são visíveis sob o aspecto pessoal e de saúde mental. Para Seligman-Silva (1986) o adoecimento psíquico se constitui através de quatro fases: primeiro, quando se vê desempregado o indivíduo vai em busca de solução para o problema; quando a primeira fase for mal sucedida, o sujeito passa por uma sensação de desânimo, tristeza e início de isolamento, constituindo a segunda fase; na terceira fase, segundo a autora, o desempregado se esquiva, há comportamentos de fuga, possivelmente nesta fase inicia-se o uso de drogas e álcool e, por último, a quarta fase, aonde há uma deterioração da auto-imagem, o indivíduo perde a crença em si mesmo.

Monteiro *et al.* (2008), Pinheiro e Monteiro (2007), Terra *et al.* (2006), demonstraram, em suas pesquisas, que o desemprego pode gerar problemas psicológicos característicos como: depressão, ansiedade, redução de autoestima, bem como, sensação de ter falhado. Pinheiro e Monteiro (2007) citam que o desemprego é uma das maiores causas de sofrimento e doenças, pois o desempregado se encontra em uma situação aversiva, podendo ter conflitos de relações, separações, laços rompidos, o que pode gerar intensificação de doenças ou surgimento de novas doenças.

Fryer e Payne (1986), Pereira, Pereira e Brito (2007) e Souza e Benetti (2008) ressaltam em suas pesquisas que os aspectos subjetivos da falta do trabalho deterioram

as relações sociais, pois os deveres e obrigações frente à família continuam, porém, com a falta do trabalho, as necessidades vitais podem não ser saciadas, o que acaba gerando conflitos internos e externos a esse indivíduo, podendo acarretar mudanças e problemas no nível psicológico. Monteiro *et al.* (2008), ressalta que além da insegurança financeira que estes indivíduos experimentam, há indícios de que a situação de desemprego pode levar ao consumo de álcool e drogas. Para tanto, os autores propõem, em seus estudos, a psicoterapia como forma de suporte e apoio para o desempregado na busca de um novo emprego, com o intuito de contribuir para que esses indivíduos resignifiquem suas vidas de modo que produzam modificações internas em seu meio, aumentando, segundo eles, a probabilidade de se sentirem bem e conseguirem enfrentar a situação.

Devido a essas questões de ordem de saúde mental, estudiosos como Araújo *et al.* (2006), Monteiro *et al.* (2008) e Pinheiro e Monteiro (2007), verificaram que a perda do emprego gerou uma necessidade para a escuta sobre sofrimentos decorrentes do desemprego. Segundo Terra *et al.* (2006), existe uma necessidade de falar sobre a experiência pessoal do desemprego, pois os desempregados não encontram esta escuta no meio social em que convivem.

Pinheiro e Monteiro (2007) complementam, afirmando que o desemprego assusta, causa medo e prejudica a condição subjetiva do trabalhador, causando sofrimento. Os pesquisadores reforçam que o respectivo tema é um assunto que preocupa a sociedade capitalista contemporânea, pois gera custo, bem como, desencadeia problemas de ordem social e de saúde mental.

O desemprego, segundo Caldas (2000), é um dos grandes problemas desse século e a falta de trabalho atinge o trabalhador e sua família. Pochmann (1998; 1999) relata que uma das principais causas do desemprego é a globalização e o surgimento de novas tecnologias, citando o Japão como exemplo, pois tem enfrentado dificuldades de

emprego em razão da redução no número de vagas disponíveis no mercado de trabalho, devido os ramos de atividades estarem se modernizando, trocando a mão de obra humana por máquinas.

Segundo Mattoso (2001), o desemprego no Brasil se intensificou na década de 1980 e 1990 devido a oscilações do ciclo econômico brasileiro, do processo inflacionário da época e a dívida externa. Pochmann (2001) menciona que o desemprego no Brasil, nesta época, tornou-se um fenômeno preocupante, pois as empresas começaram a demonstrar sinais de desestrutura.

Esta situação de desestruturação do mercado de trabalho foi resultado, tanto da expansão da oferta de mão de obra, quanto pelo baixo crescimento do país, somado ao baixo desempenho industrial na época (Pochmann, 1999). Pochmann (2001) considera estas décadas como sendo as duas décadas perdidas, sob o aspecto econômico, que o Brasil vivenciou. O autor enfatiza que, na década de 1990, o volume de desempregados foi três vezes maior.

Gori (2007) também menciona que a década de 1990 apresentou um longo período combinado com alta inflação, baixo crescimento econômico e tentativas frustradas de estabilizar a economia do país. O plano real de 1994 criou, segundo o autor, uma falsa expectativa da retomada da trajetória de crescimento e geração de emprego no país, sendo que os resultados ficaram aquém do esperado. A inflação nesta época diminuiu, porém o desemprego continuou, o que impulsionou os governantes a tomarem ações mais enérgicas para a redução do desemprego no país.

Já na primeira metade dos anos 2000, devido a algumas ações do governo, o emprego começou a crescer e a taxa de desemprego começou a cair (Gori, 2009). Entre 1999 e 2006 aumentou em mais de 17 milhões o número de pessoas empregadas no país, principalmente em ocupações não agrícolas e formais, impulsionado pelo

crescimento das exportações e do consumo interno de bens duráveis (Barros *et al.*, 2007).

Em um estudo apresentado pelo IBGE (2011a) verificou-se que as transformações que vinham ocorrendo no mercado de trabalho nos últimos anos seguiram, sob alguns aspectos, evoluindo a partir do ano de 2009. O quantitativo de pessoas trabalhando aumentou 0,7% em relação a 2008, quando o contingente foi de 21,1 milhões de pessoas trabalhando, para 21,3 milhões em 2009, ou seja, uma elevação de 155 mil pessoas (IBGE, 2011a), não tão expressivo, porém um sinal de melhora no mercado de trabalho.

Estes índices de variação de pessoas empregadas no período de 2003 a 2009 são apresentados na Tabela 1, que demonstra a variação, em porcentagem, de pessoas com emprego em algumas regiões metropolitanas brasileiras (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre).

Tabela 1. Variação da população empregada (em %) de 2003 a 2009 (IBGE, 2011a).

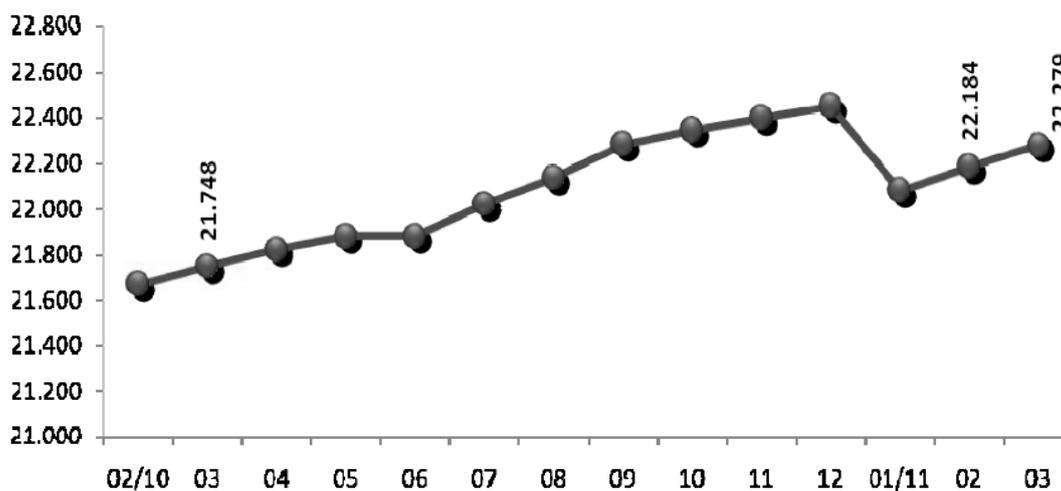
	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
2004-2003	2,9	0,7	4,3	4,3	1,8	3,5	1,6
2005-2004	2,6	1,1	4,8	2,8	1,1	3,4	2,7
2006-2005	1,9	2,6	2,9	5,5	1,1	1,3	1,2
2007-2006	2,6	0,5	5,6	4,2	1,3	2,8	1,9
2008-2007	3,4	1,9	1,1	4,2	2,2	4,3	4,5
2009-2008	0,7	2,3	3,1	1,1	0,2	0,6	-0,8
2009-2003	14,1	9,1	21,8	22,1	7,7	15,9	11,1

Fonte: IBGE (2011a).

Estes valores demonstram uma melhora no índice do desemprego no período estudado. Porém, ainda percebe-se que, mesmo que haja um aumento na empregabilidade dos trabalhadores brasileiros, há certa discrepância nos índices destas capitais. Neste estudo, não será abordado os motivos do desemprego destas regiões metropolitanas, porém cabe ressaltar que pesquisas neste sentido já são realizadas, como por exemplo, nos trabalhos de Pochmann (1998; 1999; 2001) e Gori (2007; 2009).

Em março de 2011, segundo o IBGE (2011b), a população empregada foi estimada em 22,3 milhões no agregado das seis regiões, apresentando um crescimento em relação aos anos anteriores. Verificou-se elevação de 2,4% representando um adicional de 531 mil pessoas empregadas no intervalo de 12 meses, conforme é mostrado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Evolução de Fevereiro de 2010 a Março de 2011 da população empregada nas regiões metropolitanas.

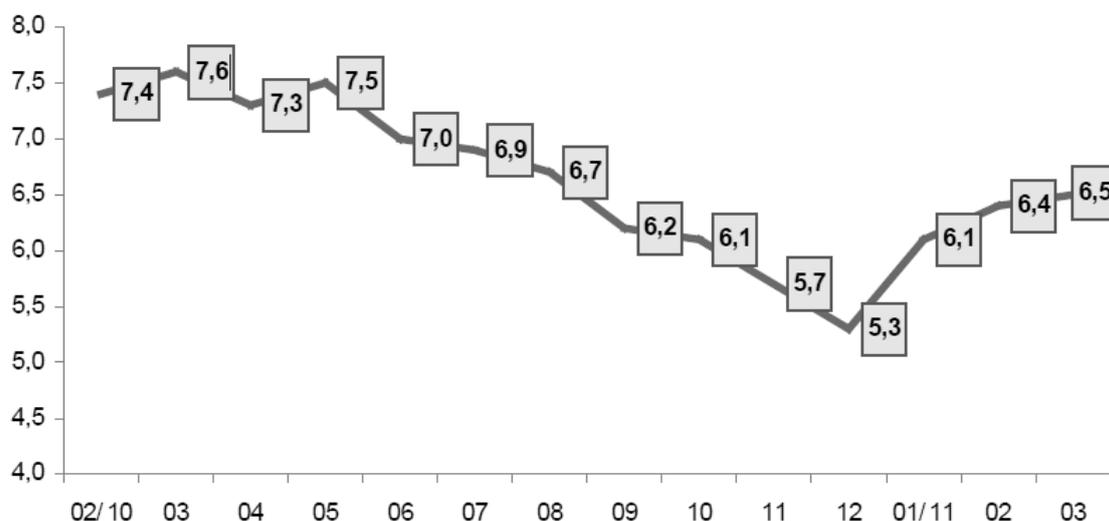


Fonte: IBGE (2011b).

Percebe-se um crescimento da população empregada nos meses de novembro, dezembro e queda em janeiro. São meses que o mercado de trabalho oferta maiores oportunidades de emprego temporário devido às festas de fim de ano. Mesmo com a passagem das festas, o crescimento da empregabilidade continua até o mês de março de 2011, se comparado aos meses correspondentes do ano anterior.

O IBGE (2011b) mostra que a quantidade de desempregados foi estimada em 1,5 milhões de pessoas em março de 2011 no agregado das seis regiões investigadas, o qual apresentou queda de 14,0% (menos 250 mil pessoas desempregadas). Estes índices são demonstrados através do Gráfico 2.

Gráfico 2 – Evolução da taxa de desemprego de fevereiro de 2010 a março de 2011 nas seis regiões metropolitanas do Brasil.



Fonte: IBGE (2011b).

O respectivo gráfico apresenta queda no índice de desemprego do país, demonstrando que o país tem apresentado melhora no que diz respeito ao emprego. Em uma análise por região, sobre índices de emprego e desemprego, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, de junho de 2011, colocou Goiás como o oitavo estado que mais criou empregos no país, com 17.171 novas vagas, sendo 8.411 empregos gerados.

Sendo assim, Goiânia e sua região metropolitana vivenciam uma situação de diminuição de desemprego, porém o desemprego existe. De acordo com o Caged (2011), Goiânia foi a cidade do estado que mais contratou no mês de junho, com 19.278 admissões e saldo final de 2.760 empregos gerados.

Uma provável explicação para esta melhora nos índices de desemprego é o fato do Governo de Goiás ter buscado medidas para atrair indústrias para o seu estado, tais como: o Fundo de Participação e Fomento à Industrialização do Estado de Goiás -

FOMENTAR (lei nº 9.489/84) e o Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás - PRODUZIR (lei nº 13.591).

De acordo com o texto da lei nº 9.489/84 o FOMENTAR possui como objetivo:

Incrementar a implantação e a expansão de atividades industriais, preferencialmente no ramo da agroindústria, que efetivamente contribuam para o desenvolvimento sócio econômico e que promovam o desenvolvimento industrial do Estado de Goiás (Artigo 1º da Lei n. 9.489, publicada no DOE (Diário Oficial do Estado) de 31 de julho de 1984);

O Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás PRODUZIR, que tem por objetivo:

Contribuir para a expansão, modernização e diversificação do setor industrial de Goiás, estimulando a realização de investimentos, a renovação tecnológica das estruturas produtivas e o aumento da competitividade estadual, com ênfase na geração de emprego e renda e na redução das desigualdades sociais e regionais (Artigo 2º da Lei n. 13.591, publicada no DOE de 20 de Janeiro de 2000).

Laurias (2005) postula que estes incentivos fiscais se tratam de uma política pública ativa, uma vez que vincula seu objetivo à geração de emprego por meio de subsídios a indústrias que se instalam no estado de Goiás. A autora ressalta que de acordo com dados da Secretaria da Indústria e Comércio, levantados em 2005, ao longo de cinco anos de implantação do programa PRODUZIR, mais de oitocentas empresas se instalaram em Goiás.

Esses dados são otimistas para a população goiana, porém não se pode fechar os olhos para o desemprego, pois o país ainda passa por problemas econômicos e de ordem

estrutural. Desde meados dos anos 1990, convivemos com a expectativa da retomada do crescimento e da geração de empregos que, embora o estado de Goiás esteja passando por um momento positivo, têm resultados ainda aquém do necessário. Entretanto, como nos esclarece Maia (2007), essa ligeira melhora da economia brasileira não atenuou de forma expressiva os elevados índices de precariedade do mercado de trabalho brasileiro.

Borges e Yamamoto (2004) citam que as expectativas para um emprego vitalício, “propagadas na década de 1960, tornam-se hoje irrealistas” (p. 52). O assalariamento, caracterizado por contrato por tempo indeterminado, começa a ser substituído por um novo tipo de relação salarial, menos baseada na estabilidade do emprego (Pereira & Brito, 2006).

A melhora dos indicadores de desemprego não pode reverter a situação do desemprego no restante do País. Logo, faz-se necessário uma avaliação mais rigorosa do desenvolvimento das diversas políticas públicas em curso, no sentido de demarcar os pontos mais críticos, corrigir eventuais enganos e avançar nos acertos com relação a uma efetiva recomposição do mercado de trabalho brasileiro, diminuindo as consequências que o desemprego gera na vida do trabalhador. Estas consequências trazem à tona questões sobre satisfação de necessidades básicas, como o acesso à habitação, à saúde, à alimentação, à educação, sujeitando a profundas alterações na qualidade de vida, não só na pessoa desempregada, como também dos vários elementos do seu agregado familiar (Santos, 2008).

Assim, o desemprego coloca-se como um problema social que causa instabilidade e um sentimento de insegurança em trabalhadores de todos os ramos e setores de atividade (Santos, 2008). Forrester (1997) sintetiza: “não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que ele gera” (p.10). A ameaça de desemprego já causa sentimentos de vergonha, rejeição, abandono, insegurança, angústia e ansiedade

que adentram o cotidiano dos indivíduos, configurando uma sociedade marcada pela indiferença, pela desconfiança e pela falta de compromisso mútuo entre as pessoas, que passam a buscar soluções individuais para problemas produzidos socialmente (Santos, 2008).

Pesquisadores como Veiga e Silva (2007) investigaram questões referentes ao desemprego, demonstraram que o indivíduo que passa por esta situação possui um nível de estresse elevado, prejudica sua qualidade de vida, além de trazer um sofrimento psíquico, prejudicando, assim, sua saúde mental. Cachapa (2007), por exemplo, avaliou questões referentes à qualidade de vida e estresse em desempregados, os resultados de sua pesquisa demonstraram que a qualidade de vida em pessoas que estão desempregadas por um longo período está prejudicada e, conseqüentemente, existe um aumento no nível de estresse desse trabalhador.

Fryer (1988), Cruz (2009) e Barros e Oliveira (2009) investigaram sobre os aspectos e os impactos que o desemprego causa na saúde mental das pessoas que vivenciam esta situação. Cruz (2009) cita que o desemprego repercute nos níveis de depressão, auto estima e produz um desânimo aprendido devido estar sem emprego. Barros e Oliveira (2009) complementa a pesquisa de Cruz (2009) demonstrando que há uma correlação positiva entre sofrimento psíquico e o estado de saúde geral do indivíduo.

No campo da Psicologia do Trabalho, encontramos tradicionais referências, como Fryer e Payne (1986), Dejours (1992; 2005; 2009) e Seligmann- Silva (1986), que enfatizam sobre as questões relativas ao trabalho, ao sofrimento psíquico, bem como, a figura do trabalhador. É importante que no estudo sobre o desemprego se tenha um olhar atento às questões referentes ao trabalho, pois às vezes é no trabalho que começa a

surgir problemas relacionados à saúde mental, possivelmente devido ao medo do desemprego, como aponta Castelhana (2005) em seu estudo.

Fryer (1988) cita que as consequências do desemprego se dão devido à ausência dos benefícios do emprego. Partindo deste ponto de vista, percebe-se que o emprego é uma fonte que gera prazer e satisfação às pessoas, trazendo benefícios à vida, tanto benefícios sociais quanto à saúde, bem como, possui um papel central na vida do homem, de forma que possibilita estar ativo, ocupado e com sentimento de utilidade para a sociedade.

A partir desta perspectiva, é interessante que se realizem estudos que analisem como o indivíduo enfrenta a situação de desemprego e lida com todos estes efeitos da falta do emprego. Em relação ao estado de Goiás, pesquisas podem ser feitas analisando como o indivíduo enfrenta o desemprego diante dos dados apresentados acima.

2. *Coping*

Segundo Ribeiro (2009), os investigadores, na linguagem científica, usam as palavras “adaptação”, “confronto”, “gerir”, “lidar com”, para se referir ao mesmo fenômeno. No Brasil, a expressão “enfrentamento” é utilizada para traduzir o termo *coping*, a qual pode representar o significado da terminologia *coping*, sem perder o sentido da mesma.

Para Sanzovo e Coelho (2007) :

“o coping pode ser entendido como um conjunto de respostas comportamentais que o indivíduo, diante de uma situação de estresse, emite para modificar o ambiente na tentativa de adaptar-se da melhor forma possível ao evento estressor, reduzindo ou minimizando seu caráter estressor” (p. 229).

Segundo Lazarus e Folkman (1984) o *coping* não é apenas um conjunto de respostas comportamentais, e sim a soma de ações e esforços tanto cognitivos quanto comportamentais que utilizamos para enfrentar exigências provenientes de uma situação de estresse. Estas exigências, de acordo com Selye (1956) e Lazarus (1977), é a própria vida que nos impõe e o estresse faz parte do nosso cotidiano, ou seja, é consequência do ato de viver.

Lazarus (1977) postula que as exigências podem ser tanto externas quanto internas. As exigências externas são resultantes da interação da relação do homem com o meio social. Já as exigências internas podem ser tanto necessidades fisiológicas quanto questões como valores sociais, crenças, motivações sociais aprendidas. O autor ressalta que devido ao processo de socialização das pessoas, algumas destas necessidades passaram a ser consideradas também como internas. O autor acrescenta ainda os aspectos relacionados a fatores pessoais e culturais de cada um, como exigências internas.

Sanzovo e Coelho (2007) compactuam com esta ideia e reforçam que o estresse é a junção de mais de um estressor, bem como, possui vários agentes e concordam com teoria de que as fontes de estresse podem ser tanto internas quanto externas. As pesquisadoras citam que as condições externas são aquelas as quais o indivíduo não consegue controlar, como, por exemplo, o desemprego. As condições internas estão diretamente ligadas à personalidade e adaptação do indivíduo a estas condições externas, destacado ainda a relação entre o indivíduo e o meio externo, que se interagem na tentativa de diminuir o estresse.

Sendo assim, o processo de *coping* se dá através do ajuste do indivíduo ao ambiente e as estratégias de enfrentamento possuem a função de alterar esta relação, através da adequação da resposta ao problema, com a finalidade de lidar com o evento

estressor, bem como se adaptar a ele (Folkman & Lazarus, 1980; Moos, 1993; Sanzovo & Coelho, 2007). Seger (2001), em seu estudo sobre estresse com uma equipe de saúde e pacientes odontológicos, cita que o estresse é uma resposta adaptativa do organismo em relação a uma mudança no ambiente.

De acordo com Lazarus (1977), o termo “adaptar” significa o fato de como nos ajustamos a determinados fatos da vida. Para o pesquisador “a adaptação consiste nos processos por meio dos quais dominamos as exigências tanto externas quanto internas” (p. 17). Nesta perspectiva, conforme pontua Tróccoli (2002), o termo *coping* é a denominação que se dá para as habilidades desenvolvidas na tentativa de adaptação a situações estressantes.

Para entender um pouco melhor sobre situações estressantes, faz-se necessário compreender melhor o que é o estresse. Na literatura encontra-se uma variedade de definições sobre estresse, porém cada uma segue um modelo que atende à demanda de cada teoria. Segundo Chamon (2006), podemos encontrar pelo menos três abordagens sobre estresse: a primeira visão engloba o tema como sendo a resposta que o indivíduo emite em reação ao estímulo estressor. Nesta proposta são investigadas as reações fisiológicas na relação indivíduo-estresse.

Sob esta perspectiva, destacam-se os estudos realizados por Selye (1956), o qual pontua o estresse como sendo algo interno do corpo, ou seja, uma resposta não específica do organismo que é emitida na tentativa de se ajustar ao meio. Vasconcelos (1992) completa a idéia, acrescentando a definição de estresse como sendo um processo no qual o fator psicológico e fisiológico caminham juntos. Segundo Antoniazzi *et. al* (1998), o estresse pode envolver tanto manifestações emocionais, como sensações e percepções, quanto físicas.

A segunda abordagem enfoca o ambiente e se baseia na investigação dos estímulos externos ao indivíduo que podem causar perturbações (Chamon, 2006). Estas duas primeiras concepções, de acordo com a autora, são enquadradas como modelo mecanicista. Já a terceira abordagem é descrita como modelo transacional, que significa o ajuste entre o indivíduo e o ambiente (Chamon, 2006). De acordo com a autora, o estresse atualmente é visto sob esta perspectiva, o qual implica a percepção do indivíduo em relação à situação vivenciada por ele, que pode se tornar estressante ou não, dependendo da avaliação subjetiva do sujeito envolvido.

Cabe ressaltar que o enfrentamento ao estressor, conforme cita Billings e Moos (1981) e Antoniazzi *et. al* (1998) citam, possui um caráter situacional, pois o indivíduo analisa cada situação específica de forma precisa, podendo mudar a resposta de acordo com o momento e ambiente. Segundo Stekel (2011) “o *coping* pode ser utilizado e adaptado para cada situação” (p. 21). Folkman e Lazarus (1980) complementam este raciocínio assinalando que o *coping* é um processo dinâmico de avaliação subjetiva da situação estressora, o que envolve comportamentos, percepção, pensamentos diferentes em cada ocasião.

Assim, o processo de estresse será diferente para cada indivíduo, pois cada um analisará a situação estressora de forma individual. De acordo com Sanzovo e Coelho (2007) esta avaliação subjetiva se relaciona também com a história de vida da pessoa, bem como possui aspectos relacionados com a cultura do indivíduo. Para as autoras, as pessoas aprendem a lidar e enfrentar ambientes e momentos estressores no decorrer de suas vidas.

Com relação à avaliação, segundo Lazarus e Folkman (1984), o *coping* é o resultado da avaliação cognitiva da existência de um evento estressante que exceda os recursos do indivíduo para fazer frente a ele. Segundo eles, os estressores são avaliados

pelo indivíduo de forma primária e secundária. Na apreciação primária, o indivíduo analisa a situação estressora, ou seja, avalia os acontecimentos, dá significado ao evento estressor, fazendo, assim, uma avaliação do risco potencial ao bem-estar do sujeito, podendo ser visto como consequências positivas ou negativas. Posteriormente a este estágio, através da avaliação cognitiva, é desencadeada consecutivamente a avaliação secundária da situação estressora (Lazarus & Folkman, 1984).

Na apreciação secundária, o indivíduo analisa suas opções de respostas e, assim, faz uso dos recursos de enfrentamento disponíveis, visando à melhoria e à modificação da situação estressora vivenciada (Lazarus & Folkman, 1984). Nesse estágio ocorre a escolha das estratégias de enfrentamento mais apropriadas para enfrentar o problema, o que envolve uma decisão por parte do indivíduo em termos de como agir, com base na análise dos recursos de que dispõe (Matthieu & Ivanoff, 2006).

Estes recursos, segundo Lazarus e Folkman (1984), se agrupam em estratégias de enfrentamento, que se constituem em dois grupos: estratégias focadas no problema e estratégias focadas na emoção. O *coping* focado no problema, de acordo com os autores, tem como objetivo analisar e definir a situação, envolvendo comportamentos que promovem mudanças diretas na situação desencadeadora de estresse, com o intuito de modificar, de alguma forma, o evento que está exigindo que o indivíduo se adapte a ele, buscando alternativas para resolvê-lo, ou seja, são dirigidos para a solução do problema. Em geral, como ressalta Holahan e Moos (1985), são consideradas como mais adaptativas, ou seja, o indivíduo tenta lidar diretamente com o problema, avaliando, bem como, reavaliando a situação.

O *coping* focado no problema é o esforço que o indivíduo faz para atuar na origem da situação estressora (Folkman & Lazarus, 1980). Moos (1993) compactua com esta reflexão, porém, através de outra nomenclatura. O autor classifica o *coping* focado

no problema como *coping* de aproximação ao problema. Moos (1993) evidencia que o *coping* de aproximação, da mesma forma que o *coping* focado no problema, possui como função, na vida do indivíduo, a tentativa de mudança do evento estressor.

O pesquisador Moos (1993; 1995; 2002) cita quatro estratégias de aproximação ao problema e as descreve da seguinte forma: análise lógica; reavaliação positiva; busca de guia; resolução de problemas. Estas estratégias estão descritas na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Dimensão de aproximação

Habilidade	Definição
Análise lógica	Tentativas cognitivas de compreender e prevenir mentalmente um estressor e suas consequências
Reavaliação positiva	Tentativas cognitivas de analisar e reavaliar um problema de maneira positiva, ainda que aceitando a realidade da situação
Busca por guia e suporte	Tentativas comportamentais de procurar informação para fins de aconselhamento
Resolução de problemas	Tentativas comportamentais de tomar decisões e lidar diretamente com o problema

Fonte: Moos, (1993; 1995; 2002).

Tanto para Lazarus e Folkman (1984), quanto para Moos (1993), o objetivo do conjunto de estratégias classificadas como focadas no problema ou estratégias de aproximação é mudar, de forma interna ou externa, o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. Já o *coping*, focado na emoção, envolve respostas emocionais para se adaptar ao evento estressor. Segundo Folkman e Lazarus (1980), o *coping* focado na emoção faz menção aos processos cognitivos responsáveis pela diminuição do transtorno emocional gerado pela situação estressante.

Os autores o definem como sendo um esforço para regular o estado emocional que o indivíduo associa ao estresse. Eles ressaltam também que estas estratégias são utilizadas pelos indivíduos, quando percebem que os estressores não podem ser modificados e que é preciso continuar interagindo com eles.

Moss (1993) também pesquisou sobre as estratégias focadas na emoção, porém também com outro nome o de estratégias de evitação que, para o autor, possui como função a redução da sensação física desagradável, proveniente de estresse e as descreve em quatro tipos: evitação cognitiva; aceitação ou resignação; busca de gratificação; descarga emocional. Estas estratégias estão descritas na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3 - Dimensão de evitação

Habilidade	Definição
Evitação cognitiva	Tentativas cognitivas destinadas a evitar pensar no problema de maneira realística
Aceitação ou resignação	Tentativas cognitivas dirigidas à aceitação do problema
Busca por gratificação	Tentativas comportamentais para empreender atividades substitutas e criar novas fontes de satisfação
Descarga emocional	Tentativas comportamentais destinadas a reduzir a tensão emocional resultante da situação estressante

Fonte: Moos, (1993; 1995; 2002).

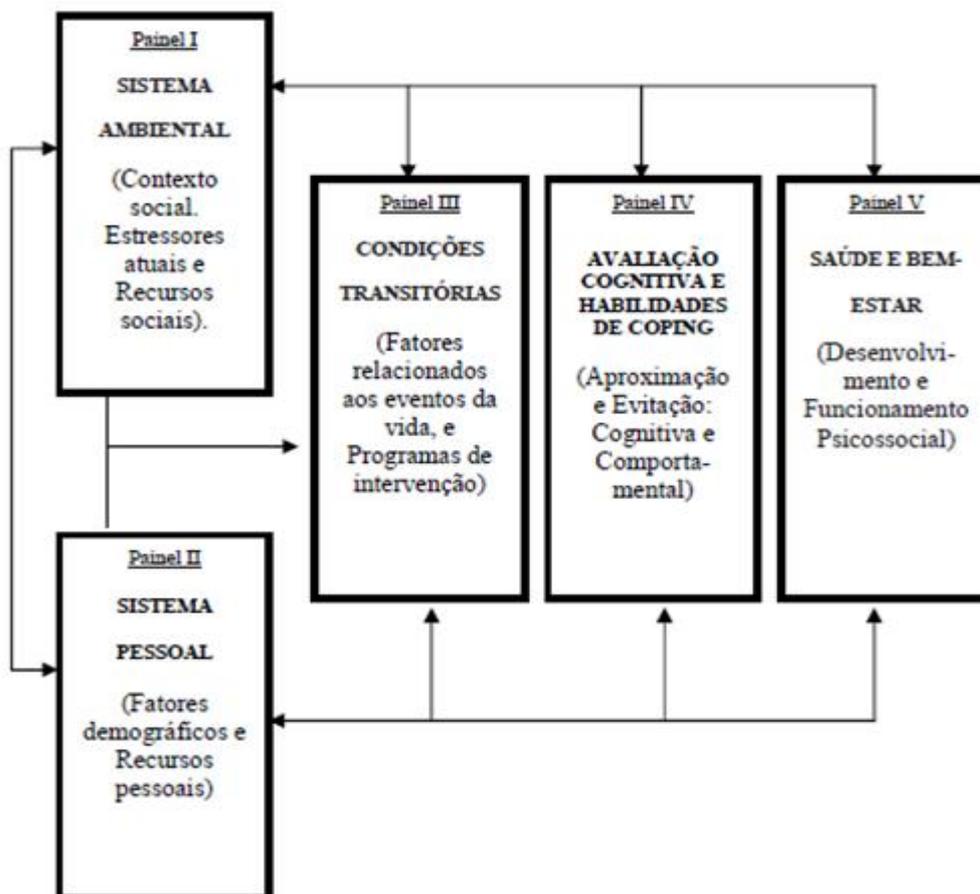
Holahan e Moos (1985) descrevem as categorias de *coping* de aproximação como sendo aquelas que visam lidar com o evento estressante e estas estratégias são vistas como mais adaptativas e funcionais. Já as estratégias de evitação tendem a

relacionar-se negativamente com o ajustamento psicológico, estando ainda, frequentemente relacionadas com a depressão (Endler & Parker, 1999).

Geralmente, as pessoas que utilizam com maior frequência as estratégias de aproximação estão mais propensas a solucionar seus problemas, a serem bem sucedidas em manejar as crises da vida e a obter ganhos e benefícios (Endler & Parker, 1999). Enquanto os indivíduos que utilizam mais as estratégias evitativas tendem a experienciar resultados não tão favoráveis em relação à sua saúde e bem-estar (Moos, 1995, 2002).

Moos (2002) apresentou um modelo conceitual a respeito das influências pessoais e ambientais na avaliação dos problemas, do processo de *coping* e suas repercussões para a saúde e bem-estar do indivíduo, o qual é mostrado na Figura 1.

Figura 1 - Modelo conceitual dos processos de *coping*, contexto e adaptação.



Fonte: Moos (2002).

Este modelo explicativo de Moos (2002) mostra que o sistema ambiental, o qual é representado pelo painel I, é composto por condições relativamente estáveis em domínios de vida específicos e está relacionado com os estressores atuais e os recursos sociais do sujeito.

De acordo com este modelo, o painel II, representado pelo sistema pessoal, é constituído pelos recursos pessoais do indivíduo, como habilidades intelectuais e cognitivas (auto-estima, otimismo, extroversão). O painel III interage com o ambiente (painel I) e com o sistema pessoal (painel II) sofrendo influência de ambos, tanto para a vivência de novos eventos da vida. Esta soma de fatores modela a apreciação do problema e as respostas pessoais de *coping*, como mostrado no painel IV. Finalmente, esse conjunto de fatores molda o estado de saúde e bem-estar do indivíduo, como é mostrado no painel V. Este modelo conceitual demonstra a influência que os recursos pessoais e o contexto social podem fornecer ao indivíduo para avaliação cognitiva do estresse, assim como na escolha das estratégias de enfrentamento, tanto de aproximação ou evitação da situação estressora, quanto na manutenção do seu bem estar (Moos, 1993, 1995, 2002).

Esse modelo corrobora com a teoria de Lazarus (1977) e Lazarus e Folkman (1984), segundo os autores, consiste na interação entre o organismo e o ambiente, na busca de um conjunto de estratégias destinadas a promover adaptação às circunstâncias estressantes. Burgos e Neri (2008) ressaltam que as respostas emocionais e fisiológicas que os indivíduos emitem, devido à avaliação cognitiva do evento estressor, vêm acompanhadas dos valores, crenças, aprendizado e cultura, ou seja, influências do meio, conforme também assinala Lazarus (1977).

Pesquisas correlacionando *coping* nos mais diversos âmbitos da vida do homem estão sendo realizadas atualmente, como por exemplo, com o tema desemprego que é

uma situação estressante para os trabalhadores, pois vem acompanhada de aspectos afetivos de tensão, cobrança, preocupações e outros. O desempregado se encontra exposto a uma grande quantidade de estressores psicossociais e as formas de enfrentamento à situação de desemprego podem ser um dos fatores de proteção para quem a vivencia.

Segundo Lipp e Novaes (2000) esses estressores psicossociais podem provocar diversas sensações no indivíduo, como diminuição da motivação e sensação de incompetência. Nesta linha de raciocínio, Dalbert (1997) realizou uma pesquisa com 53 mulheres desempregadas na Alemanha e constatou que as estratégias de enfrentamento estão diretamente ligadas à forma como elas analisavam o mundo, ou seja, na análise da situação atual do desemprego, corroborando com Billings e Moos (1981) e Antoniazzi *et. al* (1998) sobre a ideia de *coping* situacional. Segundo o autor, a pesquisa demonstrou que pessoas ameaçadas pelo desemprego viam seu destino como injusto e se encontravam em uma situação de estresse e constantemente se perguntado “por que eu?”.

No caso da situação de desemprego, o estresse gerado pode levar o sujeito tanto ao adoecimento mental quanto ao uso de drogas, como citado na parte do presente estudo em que aborda aspectos sobre desemprego. Pode-se dizer que o *coping* pode contribuir na redução destas tensões, conforme afirma Antoniazzi *et. al* (1998), pois o indivíduo, ao fazer uso de estratégias de enfrentamento, emite respostas que geralmente estão voltadas para diminuir o estresse que esta situação provoca.

Seguindo esta afirmativa, Halford e Learner (2011) fizeram um estudo na Austrália com o objetivo de correlacionar *coping* com desemprego em uma amostra de 126 jovens australianos que frequentavam Commonwealth Sistema de Apoio à Juventude (CUSS) em Melbourne. Foram avaliados diversos fatores para verificar o

ajuste ao desemprego. Concluíram que diferenças individuais estão relacionadas ao impacto desta situação, ou seja, à forma como o indivíduo enfrenta a situação de desemprego e as estratégias que utilizam para mediar o ajuste ao desemprego depende diretamente da característica individual e formação cultural de cada um. O estudo revelou que estratégias focadas no problema contribuem para a análise da situação através da busca de alternativas para resolver e reduzir a tensão emocional causada pela situação estressora, conforme propõe Lazarus (1977), Lazarus e Folkman (1984), Moos (1993; 1995, 2002), Antoniazzi *et. al* (1998), Burgos e Neri (2008) e Stekel (2011).

Em um estudo sobre estresse, desemprego e *coping* em Portugal, Alves e Oliveira (2008) contaram com 100 professores, sendo 50 desempregados e 50 exercendo a docência. Os resultados mostraram que os professores desempregados revelaram nível de estresse mais elevado, em comparação com os professores que exercem a profissão. Já os professores que estão exercendo a docência por menos tempo e são mais jovens também manifestaram um estresse significativamente mais elevado do que os mais idosos e que trabalham na área por mais tempo, devido à falta de experiência em relação aos que estão mais tempo na profissão. A estratégia de *coping* mais utilizada pelos professores desempregados é a retração, ou seja, retraem-se socialmente para reduzir o estresse.

Langens e Mose (2006), na Alemanha, realizaram uma pesquisa a fim de estudar a relação entre estratégias de enfrentamento com o bem estar subjetivo do desempregado. Em uma amostra de 119 desempregados, detectaram que a duração do desemprego está associada a uma diminuição em estratégias de enfrentamentos de aproximação e um aumento em estratégias de enfrentamento de evitação e que a associação entre a duração do desemprego, queixas somáticas e relatos de afetos

negativos é mediada por um aumento de *coping* evitativo, o que vai ao encontro do que Holahan e Moos (1985) propuseram em seus estudos.

Em outra pesquisa, Borcsik (2006) avaliou, em uma amostra de 35 sujeitos, o nível de ansiedade de executivos desempregados no enfrentamento do desemprego. De acordo com a autora, os níveis de ansiedade apresentados no estudo encontravam-se dentro da média, devido às expectativas depositadas pelos sujeitos no enfrentamento ao desemprego. Os resultados demonstraram também que quanto maior o nível de ansiedade, menos os participantes relataram uso de estratégias de resolução de problemas. No estudo de Bento (2009) dados semelhantes foram encontrados, a pesquisadora avaliou os impactos sociais do desemprego em licenciados de diversas áreas científicas de Portugal. Os resultados verificaram que os “inempregáveis”, como a autora define o desempregado, utilizavam de diversas estratégias de *coping*, porém recorriam com maior frequência para as estratégias de resolução de problemas, para reduzir o impacto psicossocial do desemprego.

Nestes estudos, os resultados enfatizaram mais o uso das estratégias de aproximação ao problema, bem como os estudos de Chistensen *et al* (2006), Farina e Neves (2007) e Andersen (2011). O que é positivo para esta população, porém, a partir deste ponto de vista, é que algumas dúvidas vieram à tona como: será que os desempregados estão fazendo uso destas estratégias, devido relatarem mais afetos positivos do que negativos? No presente estudo objetivou-se analisar esta correlação, de estratégias de aproximação e afetos positivos, bem como, o contrário, estratégias de evitação e afetos negativos. Os resultados serão apresentados na parte do Estudo Empírico. Cabe ressaltar que relatos de afetos positivos e negativos englobam, de acordo com pesquisadores citados posteriormente, os aspectos referentes ao bem estar subjetivo ou felicidade das pessoas. A seguir será tratado sobre a respectiva temática.

3. Bem Estar Subjetivo

Uma das abordagens da Psicologia que busca compreender os aspectos que envolvem, de forma interna e externa, a vida do ser humano é a Psicologia Positiva, que visa determinar o peso das emoções boas no equilíbrio físico e mental, bem como, avaliar os aspectos que envolvem o potencial positivo do ser humano (Snyder & Lopez, 2002). Conforme Paludo e Koller (2007), o surgimento da Psicologia Positiva se deu quando Martin Seligman publicou estudos sobre a necessidade de mudar o foco da Psicologia para o estudo de aspectos saudáveis do ser humano e não apenas de patologia. Seligman (2004) explica que a Psicologia se voltou mais para o estudo das doenças mentais e se esqueceu das suas missões, uma delas, segundo o autor, é tornar a vida das pessoas mais produtiva e feliz.

É importante ressaltar que esta corrente não nega a existência de sofrimento humano e a importância de se tratar os problemas psíquicos. A abordagem visa proporcionar um equilíbrio entre o conhecimento dos problemas, das potencialidades e virtudes humanas, através de estudos científicos que investiguem os aspectos positivos da vida do ser humano, bem como, de seu desenvolvimento (Paludo & Koller, 2007).

Essa abordagem enfatiza sobre o conhecimento, análise e o aumento dos aspectos positivos da vida e da obtenção de prazer, bem como, a diminuição dos pontos negativos (Fredrickson, 2000; 2001; 2003). A Psicologia Positiva também reconhece, como um de seus pilares, o estudo das experiências subjetivas, englobando o bem estar subjetivo e a felicidade (Seligman, 2004).

Seligman (2004) afirmou que felicidade e bem-estar subjetivo podem ser utilizados de maneira intercambiável, pois ambos "incluem sentimentos positivos (êxtase e conforto, por exemplo) e atividades positivas (absorção e dedicação, por exemplo)" (p. 287) e complementa ainda, que a conquista da felicidade é um exercício diário, feito com gentileza, originalidade, humor, otimismo e generosidade.

3.1 Bem estar subjetivo e felicidade

Desde os antigos filósofos, a felicidade tem sido considerada a grande meta e elemento motivacional do ser humano. Aristóteles, por exemplo, acreditava na felicidade como sendo a fonte de motivação da vida de todo homem. Galinha e Ribeiro (2005) consideram que o desenvolvimento pessoal e a felicidade se tornaram valores centrais para o homem. Russel (2003) reforça que a felicidade é considerada como um bem a ser conquistado durante toda a vida do homem.

De acordo com Graziano (2005), a felicidade e o bem estar subjetivo são termos que podem ser tratados como sinônimos, pois acredita que "não há felicidade além daquela que é percebida de forma subjetiva pelo indivíduo" (p. 38). Albuquerque e Tróccoli (2004) dizem que o bem estar subjetivo é o estudo científico da felicidade. A palavra felicidade descreve o conjunto de metas da Psicologia Positiva (Seligman, 2004). Pode-se dizer, então, que o bem estar subjetivo valoriza o que as pessoas pensam, sentem e analisam sobre suas próprias vidas.

Estudiosos, como Diener, Suh & Oishi (1999), sugeriram que o bem estar subjetivo inclui elementos positivos em relação a situações vivenciadas pelo indivíduo. De acordo com esses pesquisadores, o bem estar subjetivo é concebido como um

conceito que requer auto-avaliação, ou seja, o próprio sujeito avaliará a situação em que está vivendo e a perceberá de forma positiva ou negativa para si.

O bem estar subjetivo só pode ser observado e relatado pelo próprio indivíduo (Diener & Lucas, 2000). Ryan e Deci (2001) conceituam o bem estar subjetivo como sendo um fenômeno multidimensional, que diz respeito à satisfação consigo mesmo e com o ambiente no qual o indivíduo está inserido. Assim, pode-se dizer que o bem estar subjetivo é uma avaliação subjetiva, individual, particular e pessoal.

Wilson em 1967 apresentou uma definição do que tornaria uma pessoa feliz, afirmando que pessoas felizes eram basicamente as com bons salários, extrovertidas, otimistas, despreocupadas, com religiosidade, elevada auto-estima, moral no trabalho, enfim, qualidades que levam a enaltecer o indivíduo. A busca pela felicidade é considerada como um desejo, a vontade de possuir uma vida melhor e está baseada em dois fatores: uma de forma extrínseca e outra de natureza intrínseca, de acordo com Graziano (2005).

A felicidade que é encontrada além de si mesmo, ou seja, de forma externa à pessoa, acreditando que a felicidade é advinda de fatores que envolvem situações externas a ela, é denominada como sendo felicidade por natureza extrínseca (Graziano, 2005). E quando o indivíduo se enxerga como seu próprio produtor de felicidade, conferindo-o a tarefa de conquistar uma vida feliz através do exercício daquilo que acredita ser digno de consideração, é considerada de natureza intrínseca (Graziano, 2005).

Para Seligman (2004) as emoções positivas podem ser divididas em: emoções que são voltadas ao passado, como a satisfação e o contentamento; voltadas para o futuro, como, por exemplo, a confiança, esperança; e as emoções direcionadas ao presente, que podem ser divididas em orientadas para o prazer e outra relacionada à gratificação. O

prazer pode-se dizer que são emoções momentâneas e geralmente estão relacionadas aos órgãos dos sentidos, como cheiro, paladar, mas também pode estar ligado a sentimentos mais elaborados como alegria, êxtase ou relaxamento (Csikszentmihalyi, 1998; Seligman, 2004). Segundo os autores, o prazer, por si só, não pode trazer felicidade, ou seja, ele é um componente que contribui para a felicidade ao longo da vida das pessoas.

Seligman (2004) também fala sobre bem estar subjetivo momentâneo, denominando-o de “felicidade momentânea”, distinguindo-o da felicidade de longo prazo. Este tipo de felicidade seria estimulada por situações esporádicas, momentos os quais podem trazer prazer momentâneo. Segundo ele “a felicidade, que é o objetivo da Psicologia Positiva, não resume a alcançar estados subjetivos momentâneos” (p. 288). Já a gratificação pode ser mais duradoura, refere-se àquilo que gostamos de fazer, dependendo do uso de nossas forças e virtudes pessoais, isto é, no *flow* que ocorre quando nos dedicamos, ou seja, ficamos engajados a uma atividade, como por exemplo, participar de um trabalho voluntário que produz extrema gratificação, bem como, maior nível de bem estar subjetivo (Csikszentmihalyi, 1998).

Costa e Pereira (2007) compactuam com esta teoria e ressaltam que as pessoas com maior nível de bem estar subjetivo são consideradas aquelas mais satisfeitas, felizes e também mencionam que os estudos sobre a felicidade a classificam sob três aspectos: estar no controle de sua vida; a felicidade enquanto estado (estar feliz); felicidade enquanto traço, ou seja, ser feliz. Já Diener, Lucas e Oishi (2002) categorizam a felicidade através de três teorias: teoria da satisfação de necessidades biológicas, como a redução de tensões, alívio das dores; teoria da atividade, onde a felicidade só é concebida quando executamos atividades específicas às quais estamos motivados e a teoria da predisposição genética e personalidade, onde os pesquisadores acreditam que nascemos prontos para ser felizes ou infelizes de alguma forma.

Para Diener (1984; 2000) e Diener *et al.*(1999) o bem estar subjetivo possui os seguintes componentes: satisfação com a vida, satisfação com domínios, afetos positivos e afetos negativos. Segundo os pesquisadores, a satisfação com a vida envolve percepção e julgamento pessoal, utilizando de padrões que determinam o que é a vida feliz; a satisfação com diferentes domínios, a pessoa avalia áreas específicas de sua vida compostas por: trabalho, família, lazer, saúde, finanças, *self*, o meio social que o sujeito está inserido; os afetos positivos, para Fredrickson (2000; 2001; 2003), são as emoções positivas que englobam experiências de emoções e humores agradáveis, caracterizadas na vida das pessoas que não se deixam, em certos momentos, serem contaminadas por emoções negativas, tais como ansiedade, tristeza, desespero, raiva, vergonha, medo, ansiedade, ou seja, emoções que causam desconforto para os que as experimentam.

Estes componentes do bem estar subjetivo pode ser caracterizado através de dois fatores: fatores cognitivos e fatores emocionais, sendo que o primeiro pode ser avaliado por aspectos que envolvem a satisfação com a vida e domínios. O segundo, seriam aspectos relacionados com a emoção, avaliado através da experiência emocional de cada pessoa, como otimismo felicidade, afeto positivo e afeto negativo (Diener & Lucas, 2000; Novo, 2003 e Fredrickson, 2000; 2001; 2003).

Pesquisadores como Chen, Marks e Bersani (1994), Andersen (2009), Ervasti e Venetoklis (2010) e Ochsén (2011) se dedicaram a compreender como a situação de desemprego afeta os relatos de bem estar subjetivo, bem como, se direcionaram para entender melhor sobre os processos que envolvem a felicidade e a satisfação com a vida das pessoas. Esses pesquisadores verificaram que o desemprego é causador de estresse, o que gerou, nestas pesquisas, diminuição de relatos de afetos positivos e aumento nos relatos de afetos negativos. Segundo os autores, a privação que o desemprego acarreta,

bem como falta de incentivo e o retorno à situação de desemprego, é causa destas respostas.

De acordo com Michalos (1985), Diener e col. (1999) e Dolan *et. al* (2008) pesquisas estão sendo realizadas correlacionando bem estar subjetivo a diversos temas do cotidiano das pessoas, como por exemplo, na Universidade de Michigan, onde o pesquisador Lucas (2007) realizou um estudo, no qual levantou o seguinte questionamento: felicidade muda depois de grandes acontecimentos da vida? Verificou que as pessoas podem se adaptar a quase todos eventos da vida, embora os fatores como morte, desemprego e deficiência estão associados com mudanças de longo prazo, porém não definitivas, no bem estar subjetivo. Este estudo mostrou que os níveis de felicidade mudam de acordo com a situação em que o indivíduo vivencia e a adaptação não é inevitável.

Com relação ao desemprego, Winkelmann (2009), na Alemanha, realizou um estudo que teve como objetivo verificar se o desemprego impacta de forma negativa o bem-estar subjetivo dos indivíduos. Este estudo identificou até que ponto as pessoas com melhor posição social e *status* estão a salvo dos efeitos nocivos do desemprego, usando dados a partir dos painéis sócio-econômicos da Alemanha de 1984-2004. Verificaram que este público também pode ser alvo do desemprego. O pesquisador também observou que a posição social e *status* é um importante preditor de bem estar subjetivo, ou seja, os sujeitos pesquisados acreditavam que ser feliz é ter uma posição à qual estejam confortáveis no meio social, tanto financeiramente quanto por status.

A pesquisa de Winkelmann (2009) demonstra que o bem estar subjetivo pode ser analisado em diferentes situações do cotidiano das pessoas, sendo o desemprego uma delas. Pode-se dizer, então, que o desemprego está associado negativamente com bem estar subjetivo, pois ao se deparar nesta situação o indivíduo experimenta emoções

negativas como ansiedade, medo, possivelmente vergonha, pois o trabalho, na sociedade capitalista em que vivemos, possui uma significativa representação de satisfação de vida e seus domínios, conforme cita Diener (1984; 2000) e Diener *et al.*(1999) em seus estudos.

Para demonstrar a importância do trabalho na vida das pessoas, alguns pesquisadores se dedicaram a estudar a relação do trabalho com o bem estar subjetivo, como por exemplo, Chiuzi (2006), que pesquisou sobre o impacto de uma organização positiva no nível de bem estar subjetivo dos trabalhadores. O respectivo estudo contou com 200 trabalhadores e revelou que bem estar subjetivo e bem estar no trabalho possuem relação entre si, ou seja, a confiança do empregado na organização, bem como, o suporte positivo que a organização fornece, promove e protege o bem estar subjetivo dos trabalhadores. O estudo demonstrou que um local de trabalho que promove segurança, prazer aos indivíduos e realização é um importante preditor de bem estar subjetivo e, conseqüentemente, de felicidade e bem estar positivo.

Nesta mesma perspectiva, Covacs (2006) também buscou confirmar se os valores organizacionais, a percepção de suporte organizacional e percepção de justiça são antecedentes de bem estar subjetivo. Sua pesquisa foi realizada com 404 trabalhadores e revelou que se “promove bem estar no trabalho e bem estar subjetivo de trabalhadores, quando, nas organizações, adotam políticas e práticas que dão suporte e tratamento digno aos empregados” (p.96), o que nos leva a crer que estes fatores também são importantes para o bem estar subjetivo.

Também com o intuito de relacionar o trabalho com bem estar subjetivo, felicidade e saúde, Melo (2007) investigou o nível de bem estar subjetivo e bem estar no trabalho de idosos. O estudo contou com 53 pessoas com idade entre 64 e 65 anos. O estudo constatou que trabalho voluntariado faz bem ao idoso, contribuindo para uma

boa velhice, satisfação com a vida, promovendo contatos sociais e possibilidade de realização de tarefas prazerosas, bem como, permanência no mercado de trabalho. Ryff e Singer (1998) também pesquisaram sobre a importância do trabalho para o bem estar subjetivo de idosos. Estes pesquisadores viram que o sucesso que eles tinham obtido na vida profissional no passado era um preditor mais importante de bem estar subjetivo do que as próprias condições atuais.

Dolan *et al.* (2008), por exemplo, realizaram uma pesquisa nos EUA em que fizeram uma revisão literária analisando o que realmente nos faz feliz e uma análise de fatores associados ao bem-estar subjetivo. Como resultado, verificaram que existe um interesse crescente na temática da felicidade, refletido pelo número de artigos que estão aparecendo em revistas científicas.

Estudos correlacionando bem estar subjetivo com *coping* e desemprego também fazem parte deste crescente interesse em pesquisar os assuntos. Este estudo buscou contribuir com a temática e objetivou fazer esta correlação, bem como, ir ao encontro das teorias aqui apresentadas.

Referências

- Ackermann, k.; Amara, M. A.; Silva, J. C. B.; Geraldês, A. L.; Lima, T. N.; Júnior, M. L.; Mendes, A. & Scandiucci, G. (2005). O desemprego do tempo: Narrativas de trabalhadores desempregados em diferentes ambientes sociais. *Cadernos de psicologia social e do trabalho*, 8 (8), 1-27.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 153-164.
- Alves, M. N. & Oliveira, E. A. M. (2008). O efeito do desemprego no *stress* e *coping* dos professores do 2º ciclo. *Psicologia, saúde & doença*, 9 (2), 335-347.
- Andersen S. H. (2010). Unemployment and subjective well-being: A question of class? *Work and occupations*, 36 (1), 3-25.
- Andersen, S. H. (2011). Exiting unemployment: How do program effects depend on individual coping strategies? *Journal of economic psychology*, 32, 248-258.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3 (2), 273-294.
- Araújo, J. N. G., Monteiro, L. S. S.; Lima, S. T. N. & Souza, D. F. X. Trabalhadores em situação de desemprego: Uma experiência de apoio psicológico. *Mental*, 4 (7), 107-125.
- Barros, C. A. & Oliveira, T. L. (2009). Saúde mental de trabalhadores desempregados. *Revista de psicologia organizacional e do trabalho*, 9 (1), 86-107.

- Barros, R. P., Camargo, J. M. & Mendonça, R. (2007). A estrutura do desemprego no Brasil. *Texto para discussão, Rio de Janeiro: IPEA, 478.*
- Bento, S. P. A. (2009). Os inempregáveis: estudo de caso sobre os impactos psicossociais do não-emprego em licenciados portugueses. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade do Porto. Portugal.
- Billings, A. G., & Moos, R. H. (1981). The role of coping responses and social resources in attenuating the stress of life events. *Journal of Behavioral Medicine, 4*, 139-157.
- Borcsik, S. P. L. (2006). Avaliação da ansiedade e do enfrentamento de executivos em situação de desemprego. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.
- Burgos, A. C. G. F. & Neri, a. L. (2008). Estresse no desenvolvimento adulto e na velhice: Uma revisão. *RBCEH, 5* (1), 103-114.
- Cachapa, M. L. (2007). Desemprego, qualidade de vida e estresse: Um estudo na região de Lisboa. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Aberta, Portugal.
- Caldas, M. (2000). *Demissão: Causas, efeitos e alternativas p ara empresa e indivíduo.* São Paulo: Atlas.
- Castelhano, L. M. (2005). O medo do desemprego e as novas organizações de trabalho. *Psicologia e sociedade, 17*, 1-9.
- Chamon, E. M. Q. O. (2006). Estresse e estratégias de enfrentamento: o uso da escala Toulousaine no Brasil. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 6* (2), 43-64.
- Chen, H.; Marks, M. R. & Bersani, C. A. (1994). Unemployment classifications and subjective well-being. *Blackwell publisher, 118*, 62-79.

- Chiuzi, R. M. (2006). As dimensões da organização positiva e seus impactos sobre o bem estar dos trabalhadores. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.
- Christensen, V.; Schmidt, L.; Kriegbaum, M.; Hougaard, C. O. & Holstein, B. E. (2006). Coping with unemployment: Does educational attainment make any difference? *Scandinavian journal of public health*, 34, 363-370.
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Costa, L. S. M.; Pereira, C. A. A. & Pereira, F. (2007). Bem estar subjetivo: aspectos conceituais. *Arquivos brasileiro de psicologia*, 59, 1, 2007.
- Covacs, J. M. L. M. (2006). Bem estar no trabalho: O impacto dos valores organizacionais e percepções de justiça. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo dos Campos.
- Cruz, M. G. P. (2009). O impacto do desemprego nos níveis da depressão, auto-estima e desânimo aprendido: Um estudo comparativo numa amostra de empregados e desempregados. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de Porto. Portugal.
- Csikszentmihalyi, M. (1998). *Aprender a fluir*. Barcelona: Kairós.
- Dalbert, C. (1997). Coping with and unjust fate: The case of structural unemployment. *Social justice research*, 10 (2), 175-189.
- Diener, E. & Lucas, R. F. (2000). Subjective emotional well being. Em M. Lewis & J. M. Haviland (Orgs.), *Handbook of Emotions* (pp. 325-337). New York: Guilford.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. *American psychologist*, 55, 34-43.

- Diener, E., Suh, E. M., & Oishi, S. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Diener, E.; Lucas, R. E. & Oishi, S. (2002). Subjective well-being: The science of happiness and life satisfaction. In: Snyder, C. R. & Lopez, S. (Eds.) *handbook of positive psychology*. New York: Oxford.
- Dolan, P., Peasgood, T. & White, M. (2008). Do we really what makes us happy? A review of the economic literature on the factors associated with subjective well being. *Journal of Economic Psychology*, 29 (1), 94-122.
- Endler, N. S., & Parker, J. D. A. (1999). Coping inventory for stressfull situations (CISS). *Manual Second Edition*. Toronto: Multi-Health Systems Inc.
- Eriqez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. Em: Nabuco, M. R.; Neto, A. C. (Orgs.). Em: *Relações de trabalho contemporânea*. Sociedade editora e gráfica de ação comunitária. Belo Horizonte.
- Ervasti, H. & Venetoklis, T. (2010). Unemployment and subjective well-being: Na empirical test of deprivation theory, incentive paradigm and financial strain approach. *Acta sociologica*, 53 (2), 119-139.
- Farina, A. S. & Neves, T F. S. (2007). Formas de lidar com o desemprego: Possibilidades e limites de um projeto de atuação em psicologia social e do trabalho. *Cadernos de psicologia social e do trabalho*, 10 (1), 21-36.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). Analysis of coping in a middle aged community sample. *Journal of Health an Solcial Behavior*, 21, 219-239.
- Forrester, V. (1997). *O horror econômico*. São Paulo: Unesp.
- Fryer, (1988). Agency and proverty: odel of Unemployment. *Changes*, 6, 57-60.
- Fryer, D. & Payne, R. (1986). Being unemployed: A review of the literature on the psychological experience of unemployment. In: Cooper, C. L.; Robertson, I. (Eds).

International review of industrial an organizational psychology. Vol. 1. London: Wiley.

Galinha, I., & Ribeiro, J. L. P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjetivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.

Gondim, S. M. G.; Estramiana, J. L. A. Luna, A. F.; Oliveira, T. S. S & Souza, G. C. (2010). Atribuições de causas ao desemprego e valores pessoais. *Estudos de psicologia*, 15 (3), 309-317.

Gori, A. M. (2007). Classe sócio-ocupacionais e mercado de trabalho no Brasil: uma análise para o período 1981 a 2005. *Encontro latinoamericano de sociologia del trabajo*, 5, Anais.

Gori, A. M. (2009). Perfil e dinâmica do desemprego no Brasil nos anos 2000. *Revista Pesquisa e Debate*, 20 (2), 259-273.

Graziano, L. D. (2005). A felicidade revisitada: Um estudo sobre bem estar subjetivo na visão da psicologia positiva. Tese de doutorado não publicada. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Halford, W.K. & Learner, E. (2011). Correlates of *coping* with unemployment in young australians. *Australian Psychologist*, 19 (3), 333-334.

Holahan, C. J., & Moos, R. H. (1985). Life stress and health: Personality, coping and family support in stress resistance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 739-747.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], (2011a). *Pesquisa mensal de emprego: Retrospectiva 2009*. Recuperado em 14 janeiro, 2011, de <http://www.ibge.gov.br>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], (2011b). *Pesquisa mensal de emprego: Março 2011*. Recuperado em 3 maio, 2011, de <http://www.ibge.gov.br>.

- Jaques, M. G. (1996). Identidade e trabalho: Uma articulação indispensável. Em: Tamayo, A.; Borges-Andrade, J. E. & Codo, W. (Orgs.). *Trabalho, organizações e cultura*. São Paulo: Coletâneas da ANPEPP.
- Laurias, N. C. (2005). Políticas Públicas de Incentivos Fiscais em Goiás: Uma Análise sobre a Perspectiva da Geração de Empregos. *Corecon- Go*. Recuperado em 21 junho, 2011 de <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/conj/conj16/artigo06.pdf>.
- Lazarus, R. (1977). Personalidade e adaptação. 4ª Edição. Editora Zahar.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lei n. 13.391, de 18 de janeiro de 2000. Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás [PRODUZIR]. Recuperado em 17 de maio, 2011, de <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br>.
- Lei n. 9.489/84, de 19 de julho de 1984. Fundo de Participação e Fomento à Industrialização do estado de Goiás [FOMENTAR]. Recuperado em 17 maio, 2011, de http://www.sefaz.go.gov.br/LTE/LTE_VER_40_3_htm/indices/_fomentar.htm.
- Lima, M. E. A. & Borges, A. F. (2008). Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. Em: Goulart, I. B. (Orgs.). *Psicologia organizacional e do trabalho: Teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. E. N. & Novaes, L. (2000). *O estresse*. São Paulo: Contexto.
- Lucas, R. E. (2007). Adaptation and the set-point model of subjective well being. Does happiness change after major life events? *Current Directions in Psychological Science*, 16 (2), 75-79.
- Maia, A. G. (2007). Perfil do desemprego no Brasil nos anos 2000. *Carta social e do trabalho*, 6, Campinas, Unicamp.

- Matthieu, M. & Ivanoff, A. (2006). Using Stress, appraisal and coping theories in clinical practice: Assessments of coping strategies after disasters. *Oxford Journal*, 6 (4), 337-348.
- Mattoso, J. (2001). *O Brasil desempregado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Melo, S. C. A. (2007). Bem estar subjetivo e bem estar no trabalho: Um estudo com idosos que trabalham. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade federal de Uberlândia. Minas Gerais.
- Michalos, A. C. (1985). Multiple discrepancies theory (MDT). *Social Indicators Research*, 16, 347-413.
- Ministério do Trabalho e Emprego [MTE], 2011. *Cadastro geral de empregados e desempregados do estado de Goiás (Caged)*. Recuperado em 20 de junho, 2011 de [HTTP://portal.mte.gov.br/data/files/A7C816A31D97D1B0131DE130681020A/Go.pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/A7C816A31D97D1B0131DE130681020A/Go.pdf).
- Monteiro, J. K.; Pesenti, C. M.; Maus, D.; Bottega, D. & Machado, F. R. (2008). Reflexões acerca do atendimento psicológico a desempregados. *Alethéia*, 17 (1), 233-242.
- Moos, R. H. (2002). The mystery of human context and coping: An unraveling of clues. *American Journal of Community*, 30, 67-88.
- Moss, R. H. (1993). *Coping response inventory – Professional manual*. Odessa, Florida: Psychological Assessment Resources.
- Moss, R. H. (1995). Development and applications of new measures of life stressors, social resources and coping responses. *European Journal of Psychological Assessment*, 11, 1-13.
- Novo, R. F. (2003). Bem estar subjetivo e bem estar psicológico: diferentes faces da eudaimonia. E. Novo, R. F. (Org.). *Para além da eudaimonia. O bem estar*

psicológico em mulheres na idade avançada. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Ochsen, C. (2011). Subjective well-being and aggregate unemployment: further evidence. *Scottish journal of political economy*, 58 (5), 635-655.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2007). Psicologia positive. Uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17 (36), 9-20.
- Pereira, M. C. & Brito, M. J. (2006). Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: Uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial. *Revista mal-estar e subjetividade*, 6 (1), 143-181.
- Pereira, M. C.; Pereira, J. R. & Brito, M. J. (2007). Cidadania e desemprego: Uma reflexão a partir da categoria de subjetividade do indivíduo, mero indivíduo e pessoa.
- Pinheiro, L. R. S.; Monteiro, J. K. (2007). Refletindo sobre o desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de psicologia social e do trabalho*, 10 (2), 35-45.
- Pochmann, M. (1998). *Desafios e limites das políticas de emprego no Brasil*. Campinas, Mimeo.
- Pochmann, M. (1999). *O Trabalho sob Fogo Cruzado: Exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto.
- Pochmann, M. A. (2001). *A metrópole do trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- Ribeiro, J. P. (2009). Coping: estratégias para redução do stress. *Executive Health and Wellness*, 1 (9), 28-29.
- Russel, B. (2003). *A conquista da felicidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Ryff, C. D., & Singer, B. (1998). The countours of positive human health. *Psychol. Inq.*, 9, 1-28.

- Santos, G. P. G. (2008). Desemprego, informalidade e precariedade: A situação do mercado de trabalho no Brasil pós 1900. *Pró-posições*, 19 (2), 151-161.
- Sanzovo, C. E. & Coelho, M. E. C. (2007). Estressores e estratégias de *coping* em uma amostra de psicólogos clínicos. *Estudos de psicologia*, 24 (2), 227-238.
- Seger, L. (2001). O estresse e seus efeitos no profissional, na equipe e no paciente odontológico. Em: Marinho, M. L. & Cabalo, V. E. (Orgs.). *psicologia clínica e da saúde*. Londrina: UEL.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade autêntica: Usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Seligmann-Silva, E. (1986). Desemprego e saúde mental. Em: Angerami, V. A.; Steiner, M. H. C. F. (Orgs.). *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Traço.
- Selye, H. (1956). *The stress of life*. New York: Mcgraw-Hill.
- Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2002). *Handbook of positive psychology*. New York: Oxford. University Press.
- Souza, C. L. C. & Benetti, S. P. C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos clínicos*, 1 (2), 61-71.
- Stekel, L. M. C. (2011). Estresse e *coping* entre auxiliares e técnicos de enfermagem de um hospital universitário. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Santa Maria, RS.
- Tamayo, M. R., & Tróccoli, B. T. (2002). Exaustão emocional: Relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de coping no trabalho. *Estudos de Psicologia*, 55, 99-109.
- Terra, C. P.; Carvalho, J. A. S.; Azevedo, J. E. A.; Venezian, L. A. & Machado, S. B. (2006). Desemprego: Discurso e silenciamento: Um estudo com clientes de um

serviço de aconselhamento psicológico. *Cadernos de psicologia social e do trabalho*, 9 (1), 33-51.

Vasconcelos, E. G. (1992). O modelo de psico-neuro-endocrinológico de estresse. Em:

Seger, L. *psicologia e odontologia*. 2ª Edição. São Paulo: Santos.

Veiga, h. M. S. & Silva, N. I. (2007). Construção de escala para avaliar sofrimento psíquico-social de trabalhadores desempregados. *Avaliação psicológica*, 6 (1), 13-20.

Wilson, W. (1967). Correlates of avowed happiness. *Psychological bulletin*, 67, 294-306.

Winkelmann, R. (2009). [Unemployment, Social Capital, and Subjective Well-Being](#). *Journal of Happiness Studies*, 10 (4) 421-430.

Wood Junior, T. (2007). Gestão empresarial: O fator humano. São Paulo: Atlas.

Zanini, D. S. (2003). Coping: influencia de la personalidad y repercusiones em salud mental de los adolescents. Tese de doutorado. Espanha: Universidade de Barcelona.

PARTE II – ARTIGO CIENTÍFICO

CAPÍTULO II

ARTIGO CIENTÍFICO - *COPING* E BEM ESTAR SUBJETIVO EM TRABALHADORES DESEMPREGADOS DA CIDADE DE GOIÂNIA

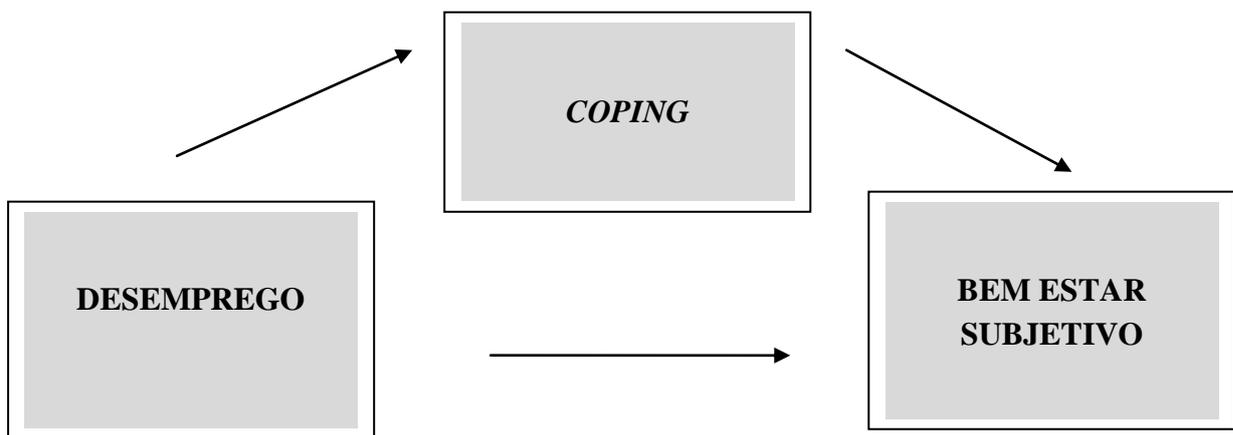
Nesta parte será apresentada a estrutura do modelo empírico, os objetivos e hipóteses propostas neste estudo. A seguir, é proposto um artigo onde são descritos os participantes, o método, os instrumentos utilizados e os procedimentos adotados na execução da pesquisa, os resultados, discussão, bem como, uma revisão teórica sobre desemprego, *coping* e bem estar subjetivo, que são os assuntos abordados na pesquisa.

MODELO EMPÍRICO

Este trabalho teve como finalidade levantar informações sobre o bem estar subjetivo de trabalhadores desempregados e quais as estratégias de enfrentamentos que estes indivíduos utilizam para enfrentar o desemprego.

O modelo proposto, mostrado na Figura 2, refere-se ao estudo de duas variáveis dependentes: Bem Estar Subjetivo e *Coping* – estratégias de enfrentamento - e uma variável independente: Desemprego.

Figura 1. Modelo empírico hipotético adotado no estudo.



Objetivos e Hipóteses

Objetivo Geral

Levantar as estratégias de enfrentamentos mais utilizadas pelos desempregados e avaliar a relação entre *coping* e bem estar subjetivo em trabalhadores em situação de desemprego.

Objetivos específicos

- Correlacionar as estratégias de aproximação com os relatos de afetos positivos de desempregados.
- Correlacionar as estratégias de evitação com os relatos de afetos negativos de desempregados.
- Investigar as estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por trabalhadores em situação de desemprego.

Hipóteses

Conforme as contribuições teóricas e os objetivos propostos, foram levantadas as seguintes hipóteses de investigação:

- Trabalhadores em situação de desemprego que utilizam de estratégias de aproximação apresentarão maior índice de afetos positivos.
- Trabalhadores em situação de desemprego, que utilizam de estratégias de evitação, apresentarão maior índice de afetos negativos.
- As estratégias de enfrentamento de aproximação ao problema terão maiores relatos.

**ARTIGO - *COPING* E BEM ESTAR SUBJETIVO EM TRABALHADORES
DESEMPREGADOS DA CIDADE DE GOIÂNIA**

Resumo

Este estudo teve como objetivo levantar informações sobre o bem estar subjetivo de trabalhadores desempregados na cidade de Goiânia e sua região metropolitana, bem como, quais as estratégias de enfrentamentos que estes indivíduos utilizam para enfrentar o desemprego. A amostra foi composta por 254 desempregados com idade entre 18 e 64 anos ($M=27,31$ e $DP=7,94$). Os instrumentos utilizados foram: *Coping Response Inventory – Adult Form*; Escala de Bem Estar Subjetivo (EBES). Os resultados apontaram que os desempregados utilizaram mais de estratégias de enfrentamento de aproximação do que de evitação, e aqueles que utilizaram mais estratégias de aproximação relataram mais afetos positivos, enquanto os indivíduos que fizeram uso de estratégias de evitação relataram mais afetos negativos, confirmando as hipóteses previamente levantadas.

Palavras chaves: *coping*; bem estar subjetivo; desemprego.

Abstract

This study had the purpose of get information about the subjective welfare of unemployed workers in the city of Goiânia and its metropolitan area, as well as, what are the strategies of confrontation that these individuals use to affront unemployment. The sample is consisting of 254 unemployed aged between 18 and 64 years ($M = 27.31$ and $DP = 7.94$). The instruments used were: Coping Responses Inventory – Adult Form; Subjective Well-being scale (EBES). The results showed that the unemployed workers have more coping strategies of avoidance than approach and those who used more approximation strategies reported more positive affects, while individuals who made use of avoidance strategies reported more negative affections, confirming the assumptions previously raised.

Keywords: *coping*, subjective well-being; unemployment.

Introdução

Segundo Veiga e Silva (2007), o trabalho é considerado com fator fundamental e importante na vida do homem. Para as pesquisadoras, através do trabalho as pessoas podem transformar a realidade em que estão inseridas, possui um sentido de produtividade, utilidade, bem como, contribui para a construção da identidade social dos indivíduos.

O desemprego pode revelar um sentimento de inatividade, o que pode gerar consequências para a vida de pessoas desempregadas. Consequências, que de acordo com Dejours (1992), podem ser de ordem financeira, social, pessoal, familiar e psicológica, o que torna esta situação passível de sofrimento, pois priva o indivíduo de ganhos além da remuneração.

Por falar em remuneração, segundo Ribeiro (2007), o trabalho se transformou em mercadoria por causa do capitalismo, pois as pessoas começaram a vender sua força de trabalho. Por isto, o trabalho, hoje, é sinônimo de emprego, o que implica em remuneração. O autor afirma que através desta ótica, o fim do emprego seria também o fim do trabalho.

Antunes (2000) reforça que mesmo sem o emprego, o trabalho continua central na vida do homem, pois ele sempre encontrou um destaque na história da humanidade e ainda se constitui como fonte de transformação da realidade do homem. Segundo o autor, o trabalho contribui na sociabilidade das pessoas, bem como, na formação da identidade de cada um. De acordo com Dejours (1992), o trabalho possui um papel de emancipação, o que possibilita que o indivíduo se torne independente, auxilia na manutenção da sua família, contribui na realização de sonhos e ajuda a suprir suas necessidades básicas de sobrevivência.

Para Castelhana (2005), o indivíduo sem trabalho torna-se sem referência, com sentimento de inutilidade. Ribeiro (2007) ressalta que o trabalhador, quando se encontra na situação de desemprego, torna-se estigmatizado socialmente, sendo rotulado de forma negativa, encontrando-se em situação de exclusão e marginalização. Esta situação pode gerar consequências sociais e psicológicas, que refletem na saúde mental destes trabalhadores.

Borcsik (2006) em sua pesquisa aponta alguns sintomas que o desemprego pode acarretar na vida das pessoas, como depressão, pessimismo, infelicidade. A autora reforça, ainda, que quanto maior o tempo de desemprego, maior a probabilidade destes sintomas aparecerem e o nível de estresse aumentar.

Em um estudo na Austrália, os pesquisadores Patton e Donohue (1998) analisaram as estratégias de enfrentamento que os desempregados utilizam para lidar com estresse gerado pelo desemprego de longa duração. Neste estudo, participaram 38 pessoas que estão desempregadas há mais de um ano. Os resultados deste estudo estão na mesma linha de raciocínio das informações levantadas pela pesquisadora Borcsik (2006), confirmando que esses indivíduos, frente esta situação duradoura, possuem uma tendência a sentimentos de isolamento e desmotivação. Também foi levantando um sentimento de culpa frente sua situação de desemprego. Para minimizar o impacto do desemprego de longa duração, os pesquisadores constataram que esses sujeitos utilizaram de estratégias como manterem-se ocupados, fé e reavaliação da situação para poder enfrentar o estresse gerado.

Lin e Leung (2010), nesta mesma perspectiva, buscaram avaliar de forma longitudinal, em Hong Kong, estratégias de enfrentamento que esses trabalhadores fazem uso para enfrentar o desemprego prolongado e diminuir o impacto na saúde mental. A pesquisa foi realizada em uma instituição que incentiva a autoconfiança de

peças desempregadas e auxilia na manutenção de suas necessidades básicas. O estudo foi dividido em três etapas, cada uma possuía um intervalo de três meses entre elas. Na primeira etapa foram entrevistadas 2.224 pessoas, na segunda etapa 1446 e na última 1070, estes números foram caindo devido ao fato de os sujeitos irem se recolocando no mercado de trabalho, pois o objetivo da pesquisa era que participassem somente pessoas desempregadas. Foi constatado que o impacto na saúde mental dos indivíduos é maior quando se faz uso de *coping* de distanciamento, porém, verificou-se que houve uma relação significativa de afetos negativos com estratégias de aproximação, como a busca pelo emprego.

De acordo com Lin e Leung (2010), isto ocorre devido ao fato de o resultado desta busca ter sido fracassada e não conseguirem emprego novamente. Talvez por isso, ao reavaliarem a situação de continuarem desempregados, possivelmente o nível de estresse aumentou e assim, passaram a utilizar estratégias de distanciamento por não terem sido bem sucedidos com a estratégia de aproximação. Smári *et al* (1997), em seu estudo na Islândia, também verificou que as estratégias de enfrentamento mais relatadas pelos desempregados foram aquelas focadas na emoção, evitação, bem como, levantou que o desemprego possui relação significativa com a ansiedade, o que pode levar a um sofrimento psíquico gerado pelo alto índice de estresse que esta situação acarreta.

Para lidar com o estresse, gerado pelo desemprego, o indivíduo faz uso de estratégias de enfrentamento para lidar com a situação, que são concebidas como estratégias utilizadas para lidar ou adaptarem-se aos eventos estressores que a vida propõe (Antoniazzi *et. al*, 1998). De acordo com essas autoras, o *coping* possui como objetivo a resposta, a qual geralmente está voltada para diminuir o estresse.

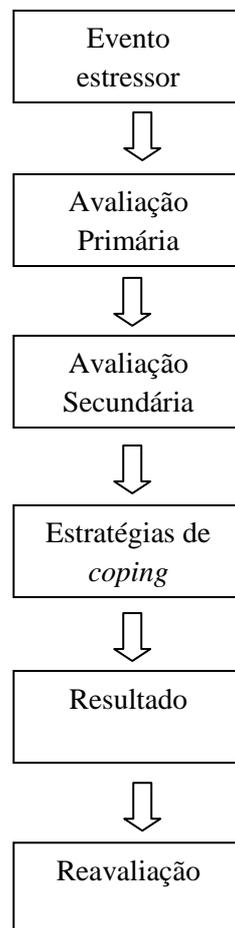
Lazarus e Folkman (1984) consideram o *coping* como sendo um conjunto de:

“esforços cognitivos e comportamentais dirigidos para administrar as demandas

internas e externas que excedem os recursos pessoais do indivíduo. Estes esforços cognitivos e comportamentais são constantemente mudados em função de uma contínua avaliação e reavaliação das relações que a pessoa estabelece com seu ambiente” (p.223).

Folkman e Lazarus (1980) ressaltam que o *coping* se dá através da avaliação que o indivíduo faz do ambiente em que está inserido, na tentativa de controlar a situação estressora. Esta avaliação pode ser de forma primária e secundária e está representada pela Figura 2.

Figura 2 - Modelo de Processamento de estresse e *coping*



Fonte: Lazarus e Folkman (1984).

Na avaliação primária, o sujeito analisa a situação estressora e identifica o evento como sendo algo positivo ou negativo para si, ao constatar que a situação

estressora pode gerar ameaça a ele, o indivíduo analisa a situação com o intuito de enfrentá-la, nesse momento faz uso das estratégias de enfrentamento para diminuir o estresse gerado (Lazarus & Folkman, 1984). Cabe ressaltar que o *coping* pode ser situacional, pois as estratégias de enfrentamento podem mudar de acordo com o momento e com a avaliação subjetiva que o indivíduo faz de cada situação estressora. Foi o que ocorreu com os sujeitos pesquisados nos estudos de Smári *et al* (1997) e Lin e Leung (2010). Uma pessoa pode vivenciar o desemprego, por exemplo, mais de uma vez ao longo de sua vida, porém cabe a ela analisar a situação, o momento e verificar se deve fazer uso das estratégias de enfrentamento que foram utilizadas em outra época.

Para Moss (1993) as estratégias de enfrentamento podem ser divididas em dois grupos: aproximação e evitação, dependendo da forma como o indivíduo avalia a situação estressora. Segundo o autor, as estratégias de aproximação possuem como objetivo a mudança da situação estressora, enquanto as estratégias de evitação buscam minimizar as consequências, tanto psicológicas quanto físicas acarretadas pelo estresse.

O pesquisador Moos (1993) cita oito estratégias de enfrentamento de problemas e as descreve da seguinte forma: análise lógica, reavaliação positiva, busca de guia, resolução de problemas, como sendo estratégias de aproximação e evitação cognitiva, aceitação ou resignação, busca de gratificação, descarga emocional, como sendo estratégias evitativas.

A análise lógica, de acordo com Moos (1993), são tentativas cognitivas de o indivíduo entender o evento estressor e se preparar mentalmente para as suas consequências. A reavaliação positiva são tentativas cognitivas de construir e reconstruir um problema de forma positiva, enquanto continua aceitando a realidade da situação. A busca de guia são tentativas comportamentais de obtenção de informação,

guia e suporte. A resolução de problemas são tentativas comportamentais de agir diretamente sobre o problema.

A evitação cognitiva é a tentativa de se evitar pensar no problema. A resignação ou aceitação são tentativas cognitivas de aceitar o problema. A busca de gratificação alternativa é a tentativa comportamental de se envolver em atividades alternativas e criar novas formas de satisfação. A descarga emocional é a tentativa de reduzir a tensão gerada por vivências negativas (Moos, 1993).

Através destas estratégias, o sujeito pode tanto se aproximar do problema como também evitar a situação estressora, conforme sua avaliação subjetiva e situacional. O presente estudo procurou levantar quais as estratégias de enfrentamento que desempregados fazem uso diante desta situação que é considerada como estressora, bem como, buscou levantar os relatos de bem estar subjetivo desses trabalhadores desempregados frente a esta situação.

O bem estar subjetivo tem sido correlacionado com algumas denominações, como satisfação, estado de espírito, porém o termo felicidade é o que mais tem sido utilizado e se assenta mais com os propósitos da Psicologia Positiva. O termo “bem estar subjetivo”, de acordo com Albuquerque e Tróccoli (2004), refere-se ao estudo científico da felicidade.

Fredrickson (2000; 2001; 2003) cita a Psicologia Positiva como um campo de estudo de experiências positivas que as pessoas experimentam, ressaltando como é importante focar nos processos que levam as pessoas a se desenvolverem, abrangendo o modo e os meios como tornam a vida digna de ser vivida. Para Seligman e Czikszentmihayi (2000),

“A verdadeira felicidade consiste em se fazer o que é digno de ser feito, ou seja, em se desenvolver as pessoas numa combinação

completa e auto-suficiente de virtude e seus resultados em felicidade” (p.15).

Segundo Diener (1984), o bem estar subjetivo inclui julgamentos e avaliações relacionados à satisfação com sua vida, ao estado de humor e emoções positivas e negativas. Assim, pode-se dizer que é a forma como as pessoas analisam suas vidas e como avaliam subjetivamente a sua qualidade de vida (Covacs, 2006). Segundo Covacs (2006), as pessoas reagem, tendo em vista suas expectativas, valores e experiências anteriores, de diferentes formas quando submetidas a diversas condições, como por exemplo, falta de emprego.

O conceito de bem-estar subjetivo está associado a uma avaliação que o indivíduo faz sobre sua vida, da mesma forma que o *coping*, sendo ela composta por aspectos cognitivos, como satisfação com a vida e domínios específicos, bem como aspectos emocionais, que englobam afetos positivos e negativos (Diener, 1984). Dependendo da forma como as pessoas avaliam situações vivenciadas, o nível de satisfação com a vida ou com domínios como trabalho, por exemplo, pode moderar suas emoções, aumentando ou diminuindo os afetos positivos ou negativos, o que pode gerar sentimentos como alegria, culpa, vergonha, orgulho, ódio (Diener *et. al*, 1999). Helliwell e Huang (2011) realizaram um estudo no qual correlacionaram o desemprego e a satisfação com a situação financeira de desempregados. Constataram que o menor rendimento possui correlação positiva com afetos negativos, pois suas necessidades básicas correm o risco de não serem supridas.

Segundo Albuquerque e Tróccoli (2004), esses afetos positivos e negativos possuem uma relação inversa, ou seja, quanto maior um menor o outro. Siqueira e Padovam (2008) também ressaltam que um bem estar subjetivo adequado é quando o

indivíduo está satisfeito com sua vida, apresentando alta frequência de afetos positivos e baixa frequência de experiências afetivas negativas.

Diener *et al.* (1997) chama de afeto as emoções e humores que representam as avaliações, em longo prazo, de situações que experimentamos no decorrer de nossas vidas. Para os pesquisadores, o afeto positivo reflete a extensão em que a pessoa sente-se ativa e alerta. Tem sido referido como um fator de proteção frente a situações de estresse, uma vez que pessoas que mantêm estados emocionais positivos experimentam menos problemas físicos (Billings e Moos, 1981).

Portanto, o bem estar subjetivo, de acordo com Diener (1984), é definido a partir das nossas experiências internas, ou seja, é uma autoavaliação de si, na qual o indivíduo avalia sua vida de forma que pense no seu crescimento contínuo, na busca de significado para a vida, bem como, satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência, busca pela felicidade através da relação social e do meio. Sob esta ótica, este estudo buscou analisar como os desempregados avaliam a situação em que se encontram, bem como, correlacionou os relatos de afetos positivos com estratégias de aproximação e os relatos de afetos negativos com as estratégias de evitação, com o intuito de avaliar se esta forma de lidar e enxergar o desemprego pode minimizar o sofrimento psíquico gerado por esta situação.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 254 trabalhadores desempregados, residentes na cidade de Goiânia e região metropolitana, localizados por meio das agências do SINE, de empresas que trabalham com captação e seleção de pessoas e de um centro focado na educação de jovens e adultos que concordaram fazer parte do estudo. A idade dos sujeitos variou entre 18 e 64 anos, com média de (M=27,31 e DP=7,94). Deles, 107 (42,1%) eram do sexo feminino, e 132 (52%), do sexo masculino e 15 (5,9%) não informaram o sexo.

Como critério de inclusão, estabeleceu-se que o desempregado deveria ter entre 18 e 60 anos, ser alfabetizado e ter tido pelo menos um vínculo de emprego formal registrado em carteira de trabalho e previdência social em qualquer tipo de ocupação. Dessa forma, no presente trabalho, consideram-se desempregados pessoas que anteriormente tenham tido pelo menos um emprego formal, registrado em carteira de trabalho e previdência social e que atualmente não dispõem de vínculo de trabalho formal registrado em carteira de trabalho.

Foram excluídos da amostra aqueles participantes que apresentaram problemas cognitivos, neurológicos, psiquiátricos, uso de drogas e pessoas com qualquer tipo de comprometimento físico autoinformado e aqueles protocolos respondidos de forma incompleta ou equivocada.

Instrumentos

Para a realização deste estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário contendo questões sócio-demográficas e questões relacionadas ao desemprego, tais como sexo, idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, naturalidade, profissão, tempo de desemprego e recebimento de seguro-desemprego desenvolvido especificamente para este estudo.

Foi utilizada a Escala de Bem Estar Subjetivo (EBES) desenvolvida por Albuquerque e Troccoli (2004). É uma escala de autorrelato. Esta escala avalia os afetos positivos e negativos e seus dados psicométricos são considerados adequados para uso. É composta por 47 itens, distribuídos por 21 afetos positivos e 26 afetos negativos. Tais itens devem ser respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, variando de nunca (1) e muito frequente (5) de acordo a representatividade de cada uma das emoções listadas.

O Inventário de Respostas de *Coping* - forma adulta (*CRI-adult form*) elaborado por Moos (1993). Esta é uma medida de tipos diferentes de respostas *coping* às circunstâncias estressantes de vida. Estas respostas são medidas por 48 perguntas sobre comportamentos que são utilizados ao enfrentar um problema.

Estas perguntas agrupam-se posteriormente em oito escalas: análise lógica, Reavaliação Positiva, Busca de Guia, Resolução de Problema, Evitação Cognitiva, Aceitação e Resignação, Busca de Gratificação, e Descarga Emocional. O primeiro grupo de quatro escalas mede *coping* de aproximação; o segundo grupo de quatro escalas mede *coping* de evitação. As duas primeiras escalas em cada grupo medem estratégias de *coping* cognitivas; a terceira e quarta escalas em cada grupo medem estratégias de *coping* comportamental (Moos, 1993).

Esse instrumento está em fase de validação para população brasileira, contudo dados preliminares indicam uma qualidade psicométrica semelhante a da versão original em inglês, com *alphas* oscilando entre 0,68 e 0,72 para as escalas.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada no SINE, em uma escola para jovens adultos (EJA), em consultorias de RH e outros (desempregados que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa). Para tanto, foram adotados todos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos, segundo Resolução 196/96, iniciou-se o trabalho para levantar a amostra da pesquisa. Solicitou-se a autorização de cada um dos locais de coleta. Posteriormente, o contato foi estabelecido com os trabalhadores desempregados, que desta forma foram convidados, nos próprios locais de coleta, a participarem da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos participantes, os quais o assinaram para que fosse permitida a coleta de dados, o estudo científico, bem como, a publicação dos resultados obtidos. Nesta oportunidade, foi esclarecido o caráter estritamente acadêmico da pesquisa e o sigilo das respostas emitidas. O termo foi esclarecido aos participantes, que a participação seria voluntária e a título de cooperação.

Foi garantida, aos participantes da pesquisa, a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer momento do processo, sem nenhum ônus para os mesmos, assim como a possibilidade de acompanhamento psicológico para aqueles que sentirem incomodados com a pesquisa.

Os dados obtidos foram inseridos no pacote estatístico para Windows SPSS – PASW Statistic, versão 18.0, sendo analisados segundo as técnicas estatísticas

pertinentes. Em todas as variáveis avaliadas, o valor p foi considerado significativo quando igual ou inferior a 0,05.

Resultados

Participaram deste estudo 254 trabalhadores desempregados, sendo que 147 (57,9%) eram solteiros, 71 (28%) casados, 10 (3,94%) divorciados, um (0,4%) viúvo, e 25 (9,8%) não informaram o estado civil e 16,5% possuíam pelos menos um filho. Com relação à escolaridade, 14 (5,5%) dos pesquisados possuíam ensino fundamental incompleto, 25 (9,8%) possuíam ensino fundamental completo, 32 (12,6%) ensino médio incompleto, 101 (39,8%) ensino médio completo, 27 (10,6%) ensino superior incompleto, 20 (7,9%) ensino superior completo, 4(1,6%) pós graduação e 31 (12,2%) não responderam.

Dos participantes do estudo, 192 (75,6%) não estavam recebendo seguro-desemprego no momento da participação da pesquisa, possivelmente devido ao fato de o tempo médio em que esses sujeitos se encontravam desempregados era de 9,35 meses (DP=12,57). Destes participantes, 77 (30,3%) eram nascidos na região metropolitana de Goiânia, 35 (13,8%) eram nascidos no interior de Goiás, 71 (28%) eram nascidos em outros estados e 71 (28%) não responderam.

Para verificar os níveis de correlação entre as estratégias de *coping* e BES procedeu-se o cálculo do coeficiente de correlação momento produto de *Pearson*. A Tabela 1 demonstra as correlações significativas encontradas entre afetos positivos e afetos negativos com respostas de *coping*.

Tabela 1. Correlação entre respostas de *coping* com afetos positivos e negativos (BES)

	Afeto positivo	Afeto Negativo
Análise Lógica	0,18*	0,04
Reavaliação Positiva	0,47**	-0,38**
Busca de Guia	0,14	-0,01
Resolução de Problema	0,43**	-0,16
Evitação Cognitiva	0,06	0,17*
Aceitação Resignação	-0,12	0,30**
Busca de Gratificação	0,43**	-0,27**
Descarga Emocional	-0,08	0,39**
Aproximação	0,39**	-0,16
Evitação	0,17	0,22**

* $p < 0,05$ e ** $p < 0,01$

Os dados demonstraram que análise lógica apresentou correlação significativa com afetos positivos ($r=0,18$, $p < 0,05$); reavaliação positiva apresentou correlação positiva com afetos positivos ($r=0,47$, $p < 0,05$); resolução de problemas apresentou correlação significativa com afeto positivo ($r=0,43$, $p < 0,05$).

A evitação cognitiva apresentou correlação significativa com afeto negativo ($r=0,17$, $p < 0,05$); aceitação e resignação também demonstrou significância na correlação com afeto negativo ($r=0,30$, $p < 0,05$) e descarga emocional houve correlação com afeto negativo ($r=0,39$, $p < 0,05$).

Os dados demonstraram que as estratégias de aproximação apresentaram relação positiva com afetos positivos ($r=0,39$, $p<0,01$). O inverso foi observado com relação ao *coping* de evitação, que apresentou um índice de correlação positiva ($r=0,22$, $p<0,01$) com afetos negativos.

Em seguida procedeu-se o cálculo de Teste t para amostras independentes para analisar se existe diferença significativa nas media segundo sexo masculino e feminino e estratégias de *coping* (ver Tabela 2).

Tabela 2. Teste t para amostras independentes (sexo, BES e *coping*).

	Sexo	Média	DP	T	p<
Afeto positivo	Feminino	67,14	14,00	-3,76	0,00
	Masculino	75,00	14,52		
Afeto negativo	Feminino	64,65	20,85	3,35	0,00
	Masculino	53,80	22,90		
Análise lógica	Feminino	15,33	2,87	-0,21	0,84
	Masculino	15,42	2,93		
Reavaliação positiva	Feminino	15,79	3,56	-0,16	0,11
	Masculino	16,63	3,32		
Busca de guia	Feminino	13,76	3,23	-0,56	0,58
	Masculino	14,03	3,14		
Resolução de problemas	Feminino	15,93	3,99	-2,13	0,03
	Masculino	17,09	3,14		
Evitação cognitiva	Feminino	14,32	3,92	-0,35	0,72
	Masculino	14,13	3,20		
Aceitação e resignação	Feminino	11,82	3,25	1,99	0,05
	Masculino	10,74	3,87		
Busca de gratificação	Feminino	14,38	3,92	-2,91	0,00
	Masculino	15,96	3,30		
Descarga emocional	Feminino	12,19	3,09	1,81	0,07
	Masculino	11,33	3,11		

Os homens apresentam mais relatos de afeto positivo ($M=74,99$, $DP=14,52$) e as mulheres mais relatos de afeto negativo ($M=64,65$, $DP=20,85$). Os homens apresentam maior índice de enfrentamento do tipo resolução de problemas ($M=17,1$ e $DP=3,14$), bem como, nas estratégias de busca de gratificação ($M=15,95$ e $DP=3,29$), sendo que as mulheres apresentaram maiores índices nas estratégias de aceitação e resignação ($M=11,82$ e $DP=3,26$).

Os dados demonstraram correlações significativas entre a estratégia do tipo busca de guia e número de filhos ($r=-0,21$, $p=0,02$) e também com descarga emocional e tempo de desemprego em meses ($r=0,17$, $p=0,41$).

Na análise de variância entre BES, *coping* e naturalidade, os resultados apresentaram significância na média entre participantes que são naturais do interior de Goiás, os quais apresentaram maiores relatos de afetos positivos ($M=72,80$ e $DP=13,72$) do que afetos negativos ($M=62,93$ e $DP=20,90$). Pessoas vindas de outros estados apresentaram maior índice de estratégias de aproximação ($M=62,51$ e $DP=10,35$) do que de evitação ($M=52,55$ e $DP=8,71$).

Discussão

O presente estudo buscou verificar quais as estratégias de enfrentamento (*coping*) que trabalhadores desempregados da cidade de Goiânia e sua região metropolitana utilizam, bem como, avaliar se ao utilizar as estratégias de aproximação eles relatam mais afetos positivos e se ao utilizarem estratégias de evitação relatam mais afetos negativos. Os resultados apresentados demonstraram o predomínio de estratégias de aproximação em relação às estratégias de evitação na população pesquisada.

Segundo Moss (2002) as pessoas que utilizam mais de estratégias de

aproximação tendem a solucionar e focar mais no problema, terem mais sucesso, obter mais ganhos e benefícios com tal atitude. Segundo Moss e Yanos (2007), com o uso das estratégias de aproximação, o indivíduo é capaz de minimizar os efeitos das vivências estressantes, promovendo saúde e bem estar, proporcionando respostas mais adaptativas a fim de lidar melhor com o ambiente.

Os dados levantados mostraram que homens utilizam mais de estratégias de aproximação do que as mulheres. Dentre as estratégias mais utilizadas pelos homens, a resolução de problemas teve maior destaque, demonstrando que eles utilizam mais de tentativas comportamentais para atingir o problema do que as mulheres. As estratégias mais utilizadas pelas mulheres foram as de evitação, dentre elas aceitação ou resignação. Smári *et al* (1997) também verificou em seu estudo que as mulheres em situação de desemprego focavam mais nas estratégias de caráter emocional. Pode-se dizer, então, que ao utilizar destas estratégias, as mulheres estão em busca de reduzir a tensão gerada pelo estresse que o desemprego causa.

Os resultados também apontaram para dados relacionados a números de filhos e estratégias de enfrentamento, ou seja, quando o desempregado possui filho, mais ele vai em busca de ajuda e suporte para enfrentar o desemprego. Este resultado nos mostra que essa população enfrenta o desemprego de forma positiva, indo em busca de guia e suporte para resolver a situação problemática, até porque quando se tem filhos, mais a necessidade financeira vem à tona e conseqüentemente outros problemas aparecem com a situação de desemprego.

As estratégias utilizadas com relação ao tempo de desemprego foram estratégias de descarga emocional, que são tentativas de reduzir a tensão gerada por vivências negativas, o que demonstra que pessoas que estão em situação de desemprego por mais tempo, utilizam de descarga emocional tentando talvez reduzir a tensão gerada, pois

quanto mais tempo desempregado, mais situações e vivências negativas esse indivíduo pode experimentar, tais como falta de dinheiro, comida, remédio e outros.

Sobre a naturalidade dos participantes da pesquisa, o estudo demonstrou que pessoas advindas do interior de Goiás relataram significativamente mais afetos positivos em relação aos que são naturais da capital e pessoas vindas de outros estados demonstraram maiores índices em relação a estratégias de aproximação do que os indivíduos naturais de Goiânia e região metropolitana. Com relação a estes dados, o IBGE (2011) cita que a maior parte da população ativa, empregada, não é natural do município onde trabalha. O principal motivo alegado para a migração é a falta de emprego na cidade natal.

Segundo Laurias (2005), o Governo de Goiás está buscando medidas para diminuir o desemprego e aumentar o crescimento econômico do estado, tornando-o atrativo às pessoas vindas de outras localidades. Algumas destas medidas visam atrair indústrias para o estado. Medidas estas de incentivos fiscais, por exemplo, como Fundo de Participação e Fomento à Industrialização do Estado de Goiás – FOMENTAR, que tem o objetivo de incrementar a implantação e a expansão de atividades que promovam o desenvolvimento industrial do Estado de Goiás e o Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás PRODUZIR, que tem por objetivo social contribuir para a expansão, modernização e diversificação do setor industrial de Goiás, estimulando a realização de investimentos, a renovação tecnológica das estruturas produtivas e o aumento da competitividade estadual, com ênfase na geração de emprego, renda e na redução das desigualdades sociais e regionais.

Goiás tornou-se bastante atrativo, através da contribuição desses programas de incentivos fiscais para indústrias e empresas se implantarem no estado. Conseqüentemente trazem novas oportunidades de geração de empregos e melhoria para

a população. Ribeiro (2004) aponta que esses trabalhadores em situação de desemprego podem ter se deslocado de outros estados e cidades acreditando em melhores oportunidades de vida e de emprego.

O estudo tornou evidente que os trabalhadores em situação de desemprego, da cidade de Goiânia e sua região metropolitana, que utilizam mais de estratégias de aproximação, enfrentam as pressões do contexto social e principalmente as repercussões que o desemprego traz. Ao utilizarem de relatos de forma positiva, possivelmente, terão melhores oportunidades no mercado de trabalho, devido à vontade de enfrentar a situação estressora com positividade e, conseqüentemente, a possibilidade de ter menos problemas de ordem emocional, que podem gerar doenças como depressão, estresse e etc, porém não foi verificado neste estudo aspectos sobre sofrimento psíquico com relação ao desemprego.

Com relação ao BES dos trabalhadores desempregados, os resultados deste estudo apresentaram prevalência de afetos positivos sobre afetos negativos, quando essa população utiliza mais de estratégias de aproximação do que evitação. Fredrickson (2000; 2001; 2003), em seus estudos, revela que experimentando emoções positivas pode-se criar uma vida mais saudável, com positividade, ou seja, experimentando emoções positivas, as pessoas aprendem a ver novas possibilidades, se recuperar de revezes, conectar com os outros, e se tornarem a melhor versão de si mesmos.

A presente pesquisa não avaliou a influência das estratégias de *coping* e BES na vida dos trabalhadores em situação de desemprego de forma longitudinal. É interessante que sejam realizados estudos para contribuir com a população que pretende ir em busca de oportunidades de emprego e para pessoas que ainda utilizam de estratégias evitativas e pensam o problema como insolucionável.

As estratégias de enfrentamento, neste estudo, revelam um importante papel na

relação com as dimensões afetivas de BES de desempregados, cumprindo com o objetivo principal a que a pesquisa se propôs, confirmando as hipóteses levantadas. Esta temática pode ser alvo de novas pesquisas, pois os índices crescentes do desemprego estão sendo observados, bem como, apontados e para isto, é interessante que se analise melhor esta relação, bem como, envolver maior número de participantes com o intuito de analisar mais detalhadamente a temática.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*, 153-164.
- Antoniazzi, A. S., Dell’Aglia, D. D & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia, 3* (2), 273-294.
- Antunes, R. (2000). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Billings, A. G., & Moos, R. H. (1981). The role of coping responses and social resources in attenuating the stress of life events. *Journal of Behavioral Medicine, 4*, 139-157.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin, 95*, 542-575.
- Diener, E., Suh, E. M., & Oishi, S. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin, 125*, 276-302.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). Analysis of coping in a middle aged community sample. *Journal of Health an Solcial Behavior, 21*, 219-239.

- Fredrickson, B. L. (2000). Cultivating positive emotions to optimize health and well-being. Recuperado em 18 fevereiro, 2011, de <http://journals.apa.org/prevention/volume3/pre003001a.htm>.
- Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive psychology: The broaden-and-build of positive emotions. *American Psychologist*, 56 (3), 218-236.
- Fredrickson, B. L. (2003). The value of positive emotions: The emerging science of positive psychology is coming to understand why it's good to feel good. *American Scientist*, 91, 330-335. Recuperado em 03 março, 2011, de <http://www.americanscientist.org>.
- Helliwel, J. F. & Huang, H. (2011). New measures of the costs of unemployment: Evidence from the subjective well-being of 2.3 million Americans. *NBER working paper, n. 16829*, 1-47.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], (2011). *Pesquisa mensal de emprego: Março 2011*. Recuperado em 3 maio, 2011, de <http://www.ibge.gov.br>.
- Laurias, N. C. (2005). Políticas Públicas de Incentivos Fiscais em Goiás: Uma Análise sobre a Perspectiva da Geração de Empregos. *Corecon- Go*. Recuperado em 21 junho, 2011 de <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/conj/conj16/artigo06.pdf>.
- Lin, X. & Leung, K. (2010). Differing effects of coping strategies on mental health during prolonged unemployment: A longitudinal analysis. *Human relations*, 63 (5), 637-665.
- Moss, R. H. (1993). *Coping response inventory – Professional manual*. Odessa, Florida: Psychological Assessment Resources.
- Moos, R. H. (2002). The mystery of human context and coping: An unraveling of clues. *American Journal of Community*, 30, 67-88.

- Moos, R. H. (2008). Conversation with Rudolf Moos. *Journal Interview – Society for the Study of Addiction*, 103, 13-23.
- Moss, R. H., & Yanos, P. T. (2007). Determinants of functioning and well being among individuals with schizophrenia: An integrated model. *Clinical Psychology Review*, 27, 58-77.
- Patton, W. & Donohue, R. (1998). Coping with long-term unemployment. *Journal of community & applied social psychology*, 8, 331-343.
- Ribeiro, J. L. P. (2004). Adaptação de uma escala de avaliação de auto-eficácia geral. Recuperado em 02 maio, 2011, de <http://www.fpce.up.pt/docentes/paisribeiro/teses/eficacia.htm;2004>.
- Ribeiro, J. P. (2009). Coping: estratégias para redução do stress. *Executive Health and Wellness*, 1 (9), 28-29.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American psychologist*, 55, 5-14.
- Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem estar subjetivo, bem estar psicológico e bem estar no trabalho. *Psicologia teoria e pesquisa*, 24 (2), 201-209.
- Smári, J.; Arason, E.; Hafsteinsson, H. & Ingimarsson, S. (1997). Unemployment, coping and psychological distress. *Scandinavian Journal of psychology*, 38, 151-156.

ANEXOS

Anexo 1

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

Ao Sr. (a)

Vimos por meio deste, solicitar autorização para realizar pesquisa nesta conceituada instituição. O público alvo da pesquisa são os trabalhadores em situação de desemprego que recorrem a esta instituição em busca de uma nova oportunidade no mercado de trabalho.

Para a realização da pesquisa faz-se necessário a liberação de um espaço para aplicação do questionário.

Segue abaixo informações sobre o projeto de pesquisa:

Título do Projeto: Desemprego, saúde Mental, bem estar subjetivo e *coping*

Pesquisador Responsável: Profa. Daniela S. Zanini

Pesquisadores participantes: Mestranda Daniela Cristina Campos; Mestranda Lidiane Ferreira da Silva; Mestranda Matildes José de Oliveira. Telefones para contato: 3946-1116; 8447-0047, 3243-7292.

A presente pesquisa tem por objetivo investigar os efeitos do desemprego na saúde mental do trabalhador que se encontra em situação de desemprego. O preenchimento desses questionários auxiliará a compreender aspectos referentes ao comportamento humano e sua relação com o trabalho de tal forma que novas possibilidades de intervenção psicológica e políticas voltadas para o trabalhador possam ser desenvolvidas. O preenchimento desses questionários não põe em risco a saúde do participante da pesquisa.

Desde já, agradecemos a atenção prestada.

Profª Drª Daniela Sacramento Zanini

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você poder procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelos telefones 3946-1071, 1070.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Desemprego, Saúde Mental, Bem Estar Subjetivo e *Coping*.

Pesquisador Responsável: Profa. Daniela S. Zanini Telefone para contato: 3946.1116

Pesquisadores participantes: Mestranda Daniela Cristina Campos; Mestranda Lidiane Ferreira da Silva; Mestranda Matildes José de Oliveira. Telefones para contato: 3946-1116

A presente pesquisa tem por objetivo investigar os efeitos do desemprego na saúde mental do trabalhador que se encontra em situação de desemprego. Para isso, solicitamos sua participação preenchendo os questionários que lhe entregamos em anexo. O preenchimento desses questionários lhe tomará um tempo de aproximadamente quarenta minutos, contudo nos será de grande valia para auxiliar a compreender aspectos referentes ao comportamento humano e sua relação com o trabalho de tal forma que novas possibilidades de intervenção psicológica e políticas voltadas para o trabalhador possam ser desenvolvidas.

O preenchimento desses questionários não supõe risco a sua saúde, contudo, você pode se sentir cansado ou incomodado com as questões levantadas. Nestas situações, caso você o deseje, lhe será oferecido a possibilidade de acompanhamento psicológico nas dependências do CEPSI da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Assim mesmo também lhe é facultativo a retirada do consentimento a qualquer etapa da pesquisa sem que isso lhe confira nenhum ônus ou prejuízo.

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG nº _____

CPF nº _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Desemprego e Saúde Mental”, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Daniela Cristina Campos sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve à qualquer penalidade ou prejuízo a minha pessoa.

Goiânia, abril de 2010.

Nome do
participante: _____

Assinatura do sujeito ou
responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar: Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

